



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I- CAMPINA GRANDE-PB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS COM HABILITAÇÃO EM  
LÍNGUA PORTUGUESA**

**FLÁVIA KELLYANE MEDEIROS DA SILVA**

**PIADAS MACHISTAS X PIADAS FEMINISTAS:  
UM ESPAÇO DE DISPUTA ENTRE IDENTIDADES**

**CAMPINA GRANDE-PB  
2014**

**FLÁVIA KELLYANE MEDEIROS DA SILVA**

**PIADAS MACHISTAS X PIADAS FEMINISTAS:  
UM ESPAÇO DE DISPUTA ENTRE IDENTIDADES**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, na área de Análise do Discurso (Linguística), sob a orientação da Profa. Dra. Alfredina Rosa Oliveira do Vale.

**CAMPINA GRANDE-PB  
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586p Silva, Flávia Kellyane Medeiros da  
Piadas machistas x piadas feministas [manuscrito] : um espaço  
de disputa entre identidades / Flavia Kellyane Medeiros da Silva. -  
2014.  
58 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.  
"Orientação: Profa. Dra. Alfredina Rosa Oliveira do Vale,  
Departamento de Letras e Artes".

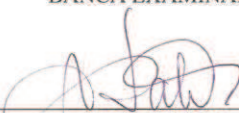
1. Análise do Discurso 2. Piada 3. Identidade 4. Estereótipo  
I. Título.

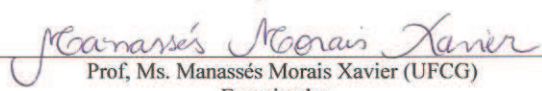
21. ed. CDD 401.41

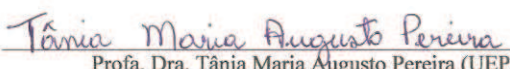
PIADAS MACHISTAS X PIADAS FEMINISTAS:  
UM ESPAÇO DE DISPUTA ENTRE IDENTIDADES

FLÁVIA KELLYANE MEDEIROS DA SILVA

BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Nota 10,0  
Prof. Dra. Alfredina Rosa Oliveira do Vale (UEPB)  
Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Nota 10,0  
Prof. Ms. Manassés Morais Xavier (UFCG)  
Examinador

  
\_\_\_\_\_  
Nota 10,0  
Prof. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira (UEPB)  
Examinador

Trabalho aprovado em: 10 de dezembro de 2014

Média 10,0  
dez

CAMPINA GRANDE – PB

2014

*A Deus que me ajuda em todos os momentos.  
Ao meu marido e companheiro de jornada, Haroldo Santos.  
Ao meu filho, meu mais precioso tesouro, Nicolas Santos.*

**DEDICO**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me deu forças para enfrentar cada obstáculo, pois sem Ele nada posso fazer.

Ao meu companheiro, Haroldo Santos, grande parceiro, agradeço pelo apoio emocional e as palavras de incentivo. Além da presteza com que se dedicou a me ajudar em cada etapa do curso. Ao meu filho Nicolas, razão do meu viver, motivo que me incentiva a lutar por grandes conquistas na vida.

Aos meus queridos pais, Rivaildo e Zilda, pela educação que me deram, por acreditarem em mim quando muitos duvidaram. Sei o quanto sonharam em me ver formada, por isso, nunca esquecerei o quanto confiaram no meu esforço e oraram por mim, sou-lhes eternamente grata.

Às minhas queridas irmãs, Sarah e Renata, pessoas que dividiram comigo os momentos mais preciosos da minha infância e, apesar da distância pelos afazeres, o vínculo que nos une permanece forte a cada dia. Agradeço a todos os familiares que, de maneira direta ou indireta, me apoiaram e torceram por mim.

À CAPES, que através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) possibilita que licenciandos tenham a oportunidade de vivenciar a teoria junto com a prática. Agradeço a Priscila Rodrigues e a Gabriela Santana, pelo companheirismo e amizade durante a aplicação do projeto CLIC, na EEEM Prof. Raul Córdula.

A minha querida orientadora Alfredina Rosa do Vale, que durante a disciplina Linguística III ajudou a fomentar em mim o interesse pela Análise do Discurso, e principalmente pelo discurso humorístico. Agradeço pela prontidão que se dispôs em fazer parte dessa pesquisa, por acreditar em mim, pelas críticas e apreciações construtivas.

Aos meus companheiros e amigos de classe na graduação, pelos debates e discussões que tanto colaboraram para a nossa formação profissional, e em especial, à amiga Patrícia Lira, que se tornou exemplo de luta e garra, e por ter me ajudado durante muitos momentos.

À banca examinadora, formada pelos professores Manassés Xavier e Tânia Pereira, por se disponibilizar a ler o meu trabalho. Sei do quanto tenho a crescer com suas críticas construtivas. À Universidade Estadual da Paraíba, pela formação acadêmica, profissional e humana. Obrigada pela oportunidade!

*O riso depende de humanidade, insensibilidade, sociedade.*

***Henri Bergson***

## RESUMO

Ao observar que o gênero discursivo piada possui funções que vão muito além do que fazer rir, percebemos que esse gênero funciona como um veículo de ideologias fortemente marcadas no meio social, que aborda discursos proibidos e questões polêmicas da sociedade, fazendo com que preconceito e desrespeito sejam propagados através do discurso humorístico. Por isso, o questionamento que impulsionou nossa pesquisa foi: como a identidade do homem e da mulher é (des)construída pelo discurso humorístico, materializado no gênero discursivo piada? Assim, tivemos como *objetivo principal* investigar como se dá a (des)construção da identidade do homem e da mulher nos discursos machista e feminista, dissimulados no discurso humorístico, materializado no gênero discursivo piada. Como *objetivos específicos* propomo-nos a analisar o funcionamento de estereótipos no discurso humorístico e observar a ocorrência do dialogismo/interdiscurso entre os discursos machista e feminista, atentando para o fato de que um se constitui através do outro. O que temos observado é que nas piadas sexistas as identidades dos sujeitos homem e mulher são construídas através do dialogismo discursivo marcado pela polêmica velada entre os discursos machista e feminista, em que a identidade do homem e da mulher será (des)construída, ambas através de estereótipos, num diálogo formado pela polêmica discursiva, em que um recusa a identidade do outro, e assim vão se constituindo. A grande relevância deste trabalho consiste no fato de considerar o discurso humorístico como veículo de marcas históricas e sociais que estão arraigadas numa sociedade, verificando que a função do gênero discursivo piada vai muito além do que fazer rir. A partir de uma abordagem qualitativa dos dados, esta pesquisa buscou realizar uma análise discursiva do gênero piada a partir do aporte teórico da Análise do Discurso Francesa, fazendo uma relação com a Análise Dialógica do Discurso. Para tanto, o trabalho contou com contribuições teóricas de Freud (1977), Bergson (1993), Possenti (2010), Bakhtin (2009), Perrot (2007), Rago (2003), dentre outros.

**Palavras-Chave:** Piada. Identidade. Estereótipo. Simulacro. Interdiscurso.



## ABSTRACT

Noting that the discursive genre joke has features that go far beyond what make you laugh, we realize that this kind acts as a vehicle of ideologies strongly marked in the social environment, which addresses prohibited speeches and controversial issues of society, causing prejudice and disrespect are spread through humorous speech. So the question that drove our research was how the identity of the man and woman is (un) built by humorous speech, materialized in the discourse genre joke? So we had as main objective to investigate how the (de)construction of the identity of men and women in sexist and feminist discourses, hidden in the humorous speech, materialized in the discourse genre joke. The specific objectives we propose to analyze the stereotypes operating in the humorous speech and observe the occurrence of dialogism/interdiscourse between sexist and feminist discourses, paying attention to the fact that one is constituted by the other. What we have observed is that the sexist jokes subjects' identities men and women are constructed through discursive dialogism marked by veiled polemic between sexist and feminist discourses, in which the identity of the man and woman will be (un)built, both through stereotypes, a dialogue formed by discursive controversy, in which a refusal to identity of the other, and so are constituted. The great importance of this work lies in the fact consider the humorous speech as a vehicle for social and historical brands that are rooted in a society, noting that the function of discourse genre joke goes much further than making people laugh. From a qualitative approach, this research attempts to make a discursive analysis of the joke genre from the theoretical support of the French Discourse Analysis, making a relationship with Dialogic Discourse Analysis. Therefore, the work included theoretical contributions of Freud (1977), Bergson (1993), Possenti (2010), Bakhtin (2009), Perrot (2007), Rago (2003), among others.

**Keywords:** Joke. Identity. Stereotype. Simulacrum. Interdiscourse.

## LISTA DE EXEMPLOS

01. A Loira e a tampinha da Coca-Cola .....	25
02. A Loira e o Vibrador .....	26
03. A Loira e o excesso de velocidade .....	29
04. A loira e a escova de dentes .....	34
05. A loira e a Frigideira .....	35
06. Passando no vestibular .....	36
07. Loiras inteligentes não existem .....	42
08. Loira com metade do cérebro .....	43
09. Morte cerebral .....	43
10. O cérebro de uma loira .....	44
11. Loira no escritório .....	45
12. Loira Secretária .....	46
13. Loira de capacete .....	46
14. As Loiras não entendem .....	48
15. Os homens preferem as loiras .....	48
16. Homem mulher .....	49
17. O homem e os neurônios .....	52
18. Tumulto na porta do céu .....	52
19. Quem manda em você? .....	53

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPITULO I: RAÍZES HISTÓRICAS: DOS CABELOS À</b>	
<b>MULHER .....</b>	<b>16</b>
1.1 Os cabelos loiros na sociedade .....	16
1.2 Um pouco de história sobre a mulher .....	17
1.2.1 O feminismo e a valorização da mulher .....	19
<b>CAPITULO II: O HUMOR NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA E</b>	
<b>FILOSÓFICA .....</b>	<b>22</b>
2.1 Os gêneros do discurso: o caso das piadas .....	22
2.2 O Humor: Freud explica .....	24
2.3 O Humor: Bergson explica .....	32
<b>CAPITULO III: QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE, ESTEREÓTIPO E</b>	
<b>INTERDISCURSO .....</b>	<b>39</b>
3.1 A identidade do sujeito na sociedade pós-moderna .....	39
3.2 O estereótipo e o simulacro .....	41
3.3 As condições de produção das piadas de loira .....	44
3.4 A relação dialógica no discurso humorístico .....	47
3.4.1 Tipos de dialogismo: a polêmica como interdiscurso .....	50
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>58</b>

## INTRODUÇÃO

A piada consiste num gênero discursivo importante, principalmente quando submetida a apreciações decorrentes da Análise do Discurso Francesa, pois veicula ideologias fortemente marcadas no meio social. Piadas que vitimam as mulheres loiras, estereotipadas como *burras*, por exemplo, podem contribuir para um rico acervo discursivo, já que materializam discursos polêmicos, propagam estereótipos e preconceitos, tendo como vítima principal a mulher, não somente a loira, como também a ruiva e a negra.

Deste modo, as piadas refletem e refratam a realidade através dos discursos que não são expostos de maneira transparente na sociedade. Nelas os afrodescendentes são tratados como seres abomináveis e ridículos, as sogras como chatas e megeras, o gaúcho como homossexual, a loira como ignorante, etc. O preconceito e, por conseguinte, o desrespeito são questões bastante recorrentes nestes textos, em que a vítima do humor será insultada sem nenhum pudor. Partindo desta realidade, nesta Monografia, optamos pela temática que aborda a (des)construção da identidade do homem e da mulher no discurso humorístico.

Assim, a pergunta que norteou nossa pesquisa foi a seguinte: Como a identidade do homem e da mulher é (des)construída através de estereótipos no discurso humorístico, materializado no gênero discursivo piada? Entendemos que as piadas machistas e as piadas feministas manifestam uma relação dialógica entre os dois discursos, em que a identidade de ambos – homem e mulher – vai sendo (des)construída através de estereótipos, num diálogo marcado pela polêmica discursiva.

Identidade, estereótipo, simulacro e interdiscurso foram as categorias teóricas de análise definidas. Tendo em vista que a *identidade* dos sujeitos é construída socialmente, no gênero discursivo piada, as identidades do homem e da mulher são construídas a partir do princípio da alteridade. O *estereótipo* trata-se de um fenômeno que compõe a natureza do gênero discursivo piada. O *simulacro* corresponde a uma identidade oposta, dada pelo Outro de determinado grupo. O *interdiscurso* compõe os discursos existentes nas piadas machistas e feministas.

A partir de uma abordagem qualitativa dos dados, a pesquisa se desenvolveu na perspectiva de analisar os discursos veiculados nas piadas de cunho sexista. Para isso, tivemos como *objetivo principal* investigar como se dá a (des)construção da identidade do homem e da mulher no discurso machista e feminista, através do discurso humorístico materializado no gênero discursivo piada. Como *objetivos específicos*, propomo-nos a analisar o funcionamento de estereótipos no discurso humorístico e observar a ocorrência do

dialogismo/interdiscurso entre os discursos machista e feminista, atentando para o fato de que um se constitui através do outro.

A pesquisa se realizou em três momentos fundamentais. Primeiramente, foi feito um estudo bibliográfico científico, ancorado no arcabouço teórico da Análise do Discurso Francesa, atrelado às contribuições da Análise Dialógica do Discurso, com intuito de compreender os fenômenos do estereótipo, identidade e interdiscurso, que abarcam a formação do discurso humorístico nas piadas machistas e feministas. Também, contamos com a contribuição teórica de outras áreas como a Psicanálise, Filosofia, Sociologia e História como forma de enriquecer nosso estudo acerca do funcionamento do humor na sociedade e de fatores históricos que contribuem para o surgimento dos discursos sexistas.

Num segundo momento, caracterizado pelo levantamento do *corpus*, fizemos uma investigação, em *sites* de humor na *internet*, das piadas sexistas, sendo um total de dezenove piadas, levando-se em conta amostras significativas dessas piadas, de modo que foi possível constatar os traços dominantes da representação do homem e da mulher no discurso humorístico. Este material foi coletado em *sites* de humor na *internet*, como *Giga Dicas*, *Piadas Online*, *Humortadela*, *Piadas Net*, etc. Vale destacar que a principal ferramenta que nos auxiliou neste processo foi a *internet*.

Num terceiro e último momento, desenvolvemos a análise alternada com a teoria, verificando os resultados e as principais contribuições da nossa pesquisa para os estudos do discurso. Nesse momento, buscamos deixar claro que nada na língua surge do acaso, que cada palavra proferida, de modo escrito ou oral, revela uma posição ideológica dos sujeitos que a proferem. Nas piadas, tal fenômeno fica mais claro, pois apesar de ser um gênero discursivo, cuja principal função é fazer rir, revela marcas históricas e discursivas bastante peculiares.

Assim sendo, partimos das contribuições de Freud (1977) para entender os propósitos dos chistes (piada) e sobre as intenções da pessoa que os profere, que pode ser de modo hostil ou agressivo. Com Bergson (1993), observamos o riso com uma função social. Estudando Possenti (2010, 1998), compreendemos a questão dos estereótipos como característica fundamental do gênero discursivo piada, em que eles – os estereótipos – são construídos pelo Outro de determinado grupo social, que estabelece a identidade desse Outro de modo contrário do que ele afirma sobre si. A partir dos estudos de Bakhtin (2009, 1997) e de Fiorin (2006, 2012) pudemos refletir sobre o dialogismo discursivo que constitui as piadas machistas e feministas. Partimos dos estudos de Rago (2003) e Perrot (2003, 2007) sobre o feminismo no Brasil, percebendo a valorização da mulher na sociedade.

A grande relevância deste trabalho consiste no fato de considerar o discurso humorístico como veículo de marcas históricas e sociais que estão arraigadas numa sociedade e, por isso, não deve ser entendido apenas como propiciador do riso. Constatamos em nossa pesquisa bibliográfica que existem alguns analistas do discurso que cada vez mais vem se interessando pela investigação dos fenômenos linguísticos nas piadas, mas estes ainda são poucos, já que percebe-se, uma certa desvalorização deste gênero discursivo no meio acadêmico.

Apesar de a piada conter um ar de não seriedade, por conta de seu efeito humorístico, encontramos neste gênero uma grande razão para estudar questões sobre estereótipos e representações identitárias. O estudo de textos humorísticos torna-se importante por conter discursos tabus e não oficiais, que se não fossem através de uma piada não poderiam se manifestar em alguns espaços comunicativos, quer fosse de modo direto ou indireto, quer explícito ou implícito (POSSENTI, 1998).

Neste sentido, validamos a importância de nosso estudo observando a forma que a identidade do homem e da mulher é (des)construída no gênero discursivo piada, atentando para o fato de que este gênero possui propósitos que vão muito além do que apenas fazer rir.

Esperamos que nossa pesquisa contribua para incentivar o interesse pelos estudos analíticos do discurso, principalmente os concernentes ao discurso humorístico no âmbito acadêmico, já que estes são tão escassos. Considerando a piada como um gênero discursivo com características e funções específicas, nossa pesquisa espera contribuir para a diminuição do preconceito que este gênero vem sendo tratado no meio científico, pois consiste num material riquíssimo para estudos na área da Análise do Discurso, por tratar de fenômenos culturais e ideológicos bem arraigados sócio-historicamente.

Diante dessas considerações iniciais, delinearemos uma breve explanação da organização do nosso trabalho que se divide em cinco partes: a introdução, três capítulos e as considerações finais.

No Capítulo I, trabalhamos com algumas teorias que abarcam o humor na sociedade, sendo possível vislumbrar aspectos técnicos na piada que contribuem para o funcionamento do humor, e questões acerca dos seus propósitos hostis e tendenciosos, destacando que o riso possui uma função social. Apresentamos também a constituição do *corpus* dessa pesquisa, partindo da teoria bakhtiniana sobre os gêneros discursivos.

No Capítulo II, tratamos sobre a questão da identidade do sujeito e como esta é construída no gênero discursivo piada. Com isso, trabalhamos com o estereótipo e o simulacro que são atribuídos à identidade do homem e da mulher no discurso humorístico,

além de perceber o funcionamento da relação dialógica existente entre os discursos machista e feminista materializados na piada.

No Capítulo III, tecemos algumas reflexões teóricas sobre alguns aspectos que tratam o cabelo humano como uma forma de linguagem, entendendo sobre o significado da *loirice* na sociedade. Também, neste momento, refletimos teoricamente sobre o feminismo, vendo-o como movimento social importante na valorização do novo papel social da mulher.

Nas considerações finais destacamos as principais contribuições da nossa pesquisa no âmbito da Análise do Discurso Francesa, com intuito de fomentar novas discussões acerca do discurso humorístico presente no gênero discursivo piada.

## CAPÍTULO I

### RAÍZES HISTÓRIAS: DOS CABELOS LOIROS À MULHER

#### 1.1 Os cabelos loiros na sociedade

Tratando sobre o corpo feminino, Perrot (2007) oferece destaque em seus estudos para a questão da aparência física, dando ênfase aos cabelos. Segundo a estudiosa, o padrão físico e a valorização das partes do corpo mudam conforme a sociedade e a época. Por um longo tempo, principalmente na Idade Média, as formas arredondadas foram sinônimo de beleza. A partir do século XX, esta valorização ao corpo robusto sofre alterações, em que a magreza será símbolo de beleza em algumas culturas. Os estudos da escritora destacam que, neste mesmo século, as pernas postas à vista também tornou-se padrão de beleza, já que antes disso, as pessoas se vestiam com o máximo de roupas possíveis, e mantinham a maior parte do corpo coberto. Pintados, descritos e representados como símbolo sexual e erótico, a historiadora afirma que os cabelos femininos podem representar objeto de desejo.

Para Warner (1999, p. 409), os cabelos têm um importante papel na construção da identidade dos sujeitos, pois “tal como a linguagem, a faculdade do riso ou o uso de ferramentas, arrumar os cabelos, em si, constitui uma marca do humano”. Então, considerando os cabelos como um tipo de linguagem, a estudiosa argumenta que, através deles podemos perceber a passagem do tempo na vida dos indivíduos e a afirmação dos sexos. Também, a maneira de arrumar os cabelos nos revelam a atuação dos sujeitos nas diversas ocupações da vida social humana, como a tonsura do monge, o corte escovinha do recruta, as madeixas emaranhadas de um *hippie*, etc.

Sobre a *loirice*, a escritora afirma que este termo não se remete apenas as características de tons de cabelo, mas tem a ver com um sistema de valores, cujas implicações sociais e morais podem manifestar equívocos e injustiças. Como exemplo dessas implicações equivocadas, a historiadora traz a tona o caso da ideologia nazista e da teoria da superioridade racial germânica, que trata os indivíduos loiros como deuses e seres superiores, e os morenos / negros como indivíduos estrangeiros e inferiores.

Assim, a historiadora destaca que a beleza acabou sendo associada à *loirice*, legado deixado pelos gregos antigos, que também a associaram ao amor, à nudez, à atração sexual e à fertilidade. Uma representação cultural da *loirice* também foi encontrada pela historiadora em análises das personagens femininas dos contos de fadas infantis. Partindo de concepções históricas e culturais gregas, a estudiosa percebeu que as loiras dos contos de fada também



representam a beleza, a bondade e a fartura, por causa do tom amarelado de seus cabelos, que simboliza a cor do ouro. “A loirice e suas muito observadas associações sensuais com os saudáveis raios de sol, com a luz e não com a escuridão, evocava o durável e incorruptível ouro” (WARNER, 1999, p. 417).

Ainda, segundo os estudos de Warner (*ibidem*), em muitos países, a loira é considerada como ícone da beleza, como vimos, herança dos gregos antigos, fenômeno que acaba contribuindo para que muitas morenas tinjam seu cabelo de loiro, sendo que o contrário dificilmente pode acontecer. É possível associar este fator com o cinema do século XX, em que o tom de loiro evocava associações à sensualidade da mulher. Marilyn Monroe foi considerada como grande figura sexual, não é a toa que em 1999, anos após sua morte, foi premiada como a mulher mais *sexy* do século XX. Sob a influência hollywoodiana, o tom loiro “adquiriu suas implicações eróticas e sedutoras, baseadas nas inversões de significado de elegantes e irônicas, cultivadas pela mídia popular neste século” (*ibidem*, p. 402). Portanto, a partir das três primeiras décadas do século passado, a loira tornou-se objeto de desejo sexual, e o conflito entre a aparência de inocente e a sensual maliciosa foi bem representado pelas loiras hollywoodianas.

Assim, nas piadas de loira, a mulher é representada como ignorante e disponível sexualmente, fenômenos que poderiam ser enxergados como uma forma de exagero perante os traços de inocência/sensualidade maliciosa, descritos pela historiadora. Estes traços também poderiam se estender ao termo *gostosa*, mostrado nos exemplos (2) e (3) do capítulo anterior, como forma de caracterizar a sensualidade da loira.

## 1.2 Um pouco da história da mulher

Por um bom tempo, a mulher foi silenciada e, de certa forma, ficou invisível socialmente, por conta de fatores históricos que a excluíram de funções importantes na sociedade. Invisível, pois sua atuação acabou ficando restrita ao ambiente privado da família e do lar. Neste ínterim, a maior parte do espaço público foi ocupado pelo homem, e poucas mulheres se aventuraram nele. Segundo Perrot (2007), o silêncio da mulher pode estar relacionado à ausência de assuntos sobre ela, no sentido da falta de discursos autênticos, já que esses discursos foram produzidos pelo homem. De acordo com a historiadora, o que contribuiu para que a mulher ficasse ainda mais invisível na sociedade foi a forma como foram produzidos os relatos sobre ela, pois foram feitos a partir de uma visão política e social masculina, na qual a história produzida era a das rainhas e heroínas, em que a mulher

correspondia a uma imagem idealizada pelo homem. Vemos este fenômeno na poesia romântica brasileira do século XVIII, em que a mulher era um ser idealizado pelos autores masculinos, eram retratadas com aparência angelical e branca. Assim, o padrão de beleza feminina acabou sendo preconizado pelo ideal masculino.

Perrot (2007) faz menção em sua obra acerca de questões históricas e culturais relativas às diferentes fases da vida da mulher. Como o tabu que se formou em torno do sangue menstrual, que, durante séculos, foi associado à impureza e, por isso, tal assunto acabou sendo silenciado por conta de pudor e vergonha. A escritora ainda aborda questões sobre a virgindade, tida como um “capital” mais precioso das moças solteiras, que eram obsessivamente vigiadas e protegidas pela família e pela sociedade. Sobre a menopausa, a teórica afirma que no século XIX era um fator mantido em segredo, pois considerava-se que, nessa etapa da vida, deixava-se de ser mulher. Finalmente, a escritora abordou questões sobre a velhice da mulher, fase que por muito tempo foi considerada como o crepúsculo da vida, em que o ser feminino ficava mais invisível ainda.

A pesquisadora também trata sobre o estupro e as leis tardias que fizeram, e ainda fazem, da mulher uma vítima do assédio sexual e, além disso, acabavam sendo responsabilizadas pelo ato que a vitimou.

Segundo a historiadora, o patriarcalismo determinou, por muito tempo, que o papel da mulher deveria resumir-se aos deveres conjugais, à maternidade e aos cuidados com a casa. Também, segundo Perrot (2007), desde a Antiguidade aos tempos modernos, o limite do espaço social destinado à mulher se delineou de forma muito restrita, através de diversas formas de confinamento, como o convento, a casa da família, o bordel, o harém ou o castelo feudal. Então, a mulher só tinha permissão de ocupar espaços privados, e geralmente na companhia de alguém que representasse uma autoridade sobre ela, ou um empregado da família. O livre acesso ao espaço público é uma conquista ainda muito recente para as mulheres.

Como se vê, ao longo da história, foram poucos os direitos concedidos à mulher em relação ao homem. As conquistas realizadas foram graças a muitas lutas travadas contra representantes dos ideais machistas, que acabaram cedendo a pressão. O feminismo foi um importante movimento social que lutou em favor da mulher, combatendo estes ideais machistas, que a massacraram por muitos séculos. Refletiremos sobre isso no subtópico, a seguir.

### 1.2.1 O feminismo e a valorização da mulher

Segundo Warner (1999), as conquistas femininas de acesso a direitos civis, sociais e políticos, que durante tanto tempo lhes foram negados, configuram-se como consequência direta de movimentos e fenômenos sociais que causaram profundo impacto na sociedade. Dentre os fenômenos de maior impacto, encontram-se as duas grandes guerras mundiais, e as diferentes ondas de movimentos feministas. A guerra mundial do século XX deixou brechas ou rupturas no tempo, que abalaram profundamente os sistemas de poder e a estrutura de dominação masculina. Com a ação das guerras, caem por terra os discursos que até então privaram a mulher da igualdade de direitos e restringiram seu espaço de atuação na sociedade.

Assim, a mulher vem adquirindo espaços sociais, que outrora lhe foram privados. Tomando o exemplo de Rago (2003), basta olharmos nas ruas, praças e ambientes empresariais, para notarmos a crescente presença da mulher nestes locais. A partir dessa reflexão, é possível concluir que a sociedade sofreu grandes alterações quanto aos seus hábitos e costumes, e não se pode descartar o fato de que o feminismo contribuiu bastante para estas modificações sociais. No primeiro momento, o feminismo, além de lutar pelo direito da mulher, também lutava por uma redemocratização do país.

Já nos anos 80, as feministas ampliaram seu campo de atuação, elaborando críticas aos princípios machistas da sociedade patriarcal, trazendo a tona assuntos que por muito tempo foram ocultados. Rago (2003) cita um artigo, publicado entre 1981 e 1988 no jornal *MULHERIO*, pela antropóloga Eliane Robert Moraes, em que ela levanta a seguinte questão: “Feminista é mulher?”. Neste texto, a antropóloga elenca duras críticas ao pensamento machista, para o qual as feministas seriam mulheres feias e masculinizadas, por lutar pelos seus direitos, fator que, segundo o homem, as deixariam embrutecidas, feias, e, por conseguinte, mal amadas.

Mulherio, por sua vez, nada mais é do que ‘as mulheres’. E o que somos, é o que este jornal será. Sim, nós vamos nos assumir como Mulherio e, em conjunto, pretendemos recuperar a dignidade, a beleza e a força que significam as mulheres reunidas, para expor e debater seus problemas. De uma maneira séria e consequente, mas não mal humorada, sisuda ou dogmática (MORAES, 1981 *apud* RAGO, 2003, p. 6).

Sobre a beleza estética, imposta pelo padrão masculino à mulher, também surgiram textos como:

Se os homens afirmam que vêem na mulher, antes de mais nada, belos contornos, considero isso como um empobrecimento de sua capacidade de olhar e ver. Estou convencida de que nosso olhar sabe encontrar no homem sinais do que ele é, além dos contornos de sua musculatura (KHEL, 1982, *apud* RAGO, 2003, p.15).

Conforme retrata Rago (2003), a psicanalista Maria Rita Khel direcionou duras críticas aos padrões de beleza de boneca de luxo<sup>1</sup>, imposta pelo capitalismo machista, afirmando que a verdadeira beleza deveria ser livre e autoconfiante.

Então, é possível compreender que o movimento feminista contribuiu de forma significativa para o avanço social e profissional com relação ao novo papel da mulher na sociedade. Casos como a Lei Maria da Penha, que visa punir agressores da mulher brasileira, são a prova de que ela está cada vez mais reivindicando seus direitos. Porém, ainda há muito o que se conquistar, pois, como exemplifica Rago (*ibidem*), apesar de a mulher ter conseguido ampliar sua atuação social, principalmente no campo profissional, a carga horária do trabalho acaba sendo mais extensa do que para o homem. Sobre isso, a historiadora salienta que apesar de a mulher estar tendo maior ocupação no mercado de trabalho, ainda não se desassociou totalmente de afazeres domésticos e maternos, fazendo com que essa rotina seja mais extensa e cansativa para ela.

Contudo, mesmo com tanto pessimismo rondando o posicionamento feminista, não se pode negar a sua contribuição como crítica social a certos comportamentos preconceituosos e, sobretudo, excludentes, que maltrataram a sociedade por muitos anos.

Para além da desconstrução de configurações ideológicas, conceituais, políticas, sociais e sexuais que organizam nosso mundo, os feminismos deram visibilidade às formas perversas da exclusão que operam no mundo público. Ao mesmo tempo, propuseram formas alternativas de organização social e sexual fundamentais para a construção de relações mais igualitárias não apenas entre os gêneros, já que se trata fundamentalmente da construção de um novo conceito de cidadania, num campo em constante mutação. Finalmente, há que se destacar a enorme contribuição feminista à ciência, introduzindo as discussões não apenas relativas às mulheres, mas ampliadas às questões do gênero, e mais do que isso, transformando radicalmente o modo de pensamento, com suas problematizações diferenciadas (RAGO, 2003, p. 08).

Portanto, nas piadas de loira, é possível vislumbrar o porquê de a mulher acabar sendo alvo de um discurso tão hostil e preconceituoso. Destacamos que um dos fatores que acabam contribuindo para a existência desse discurso, são as conquistas que a mulher vem alcançando na sociedade, pois, durante muito tempo, o homem pode determinar o lugar social dela e agora se vê competindo diretamente com ela, principalmente no setor profissional. Com isso, destacamos que o feminismo não só contribuiu para o enriquecimento sociocultural da

---

<sup>1</sup> Destacamos a referência deste termo com o filme *Bonequinha de Luxo*, lançado em 1961, nos EUA.

mulher, mas também na produção de discursos, como o encontrado na piada feminista, que propiciam respostas a enunciados tão hostis e tendenciosos contra ela.

## CAPÍTULO II

### O HUMOR NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA E FILOSÓFICA

#### 2.1 Os gêneros do discurso: o caso das piadas

Antes de adentrarmos no assunto que aborda a análise das piadas a partir de uma visão psicanalítica e filosófica, trataremos sobre o conceito de gênero do discurso. Partindo do pressuposto de que as interações sociais ocorrem através dos gêneros discursivos, entendemos que os enunciados se concretizam através deles. Assim, todo gênero é estabelecido através de uma relação de contrato, ou seja, eles se dirigem a alguém em contexto sócio-comunicativo específico. Segundo Maingueneau (1997), não é fácil estabelecer um conceito sobre gêneros discursivos, pelo fato de algumas vezes se imbricarem uns com os outros.

Diante desse entendimento, surge a compreensão de que os gêneros do discurso são infundáveis, não podendo ser definidos, variam de acordo com o tempo e a época e, por isso, o teórico francês aponta para a importância de analisar os gêneros voltando-se mais para a sua funcionalidade do que para seus aspectos formais. Portanto, não é que se deva deixar de lado tais aspectos, mas sua análise deve considerar também as coersões genéricas que fazem parte de sua origem.

Partindo disso, é importante observar o pensamento de Bakhtin (1997) em relação aos gêneros do discurso. Ao estudar sobre eles, o filósofo não se interessa tanto pelas questões formais, e lança seu olhar para a linguagem em ação, pois “os enunciados devem ser vistos na sua função, no processo de interação” (FIORIN, 2006, p. 61). Com isso, a teoria bakhtiniana parte do princípio de que as atividades humanas são pautadas pela utilização da linguagem, atentando para o fato de que os enunciados são produzidos na interação e são determinados pelas condições das diversas esferas comunicativas existentes na sociedade. Assim, cada esfera possui enunciados específicos a ela.

Para Bakhtin (1997), os *gêneros do discurso* consistem em formas-padrão relativamente estáveis de um enunciado determinado sócio-historicamente. Ao que parece, esta relativa estabilidade, a qual o filósofo alude, é devido a sua marca histórica e social relacionada a contextos interacionais. O estudioso afirma que só nos comunicamos, socialmente, através de gêneros discursivos que se adaptam ao contexto de uso, e assim como ocorre transformações na esfera comunicativa, o mesmo acontece com os gêneros de acordo com sua função.

Dessa maneira, os gêneros do discurso vão sofrendo modificações em consequência do momento histórico no qual estão inseridos. Cada situação social origina um gênero, com suas características que lhe são peculiares. Ao pensarmos a infinidade de situações comunicativas e que cada uma delas só é possível graças à utilização da língua, podemos perceber que infinitos também serão os gêneros, existindo em número ilimitado. Bakhtin (1997) vincula a formação de novos gêneros ao aparecimento de novas esferas da atividade humana, com finalidades discursivas específicas. Esta imensa heterogeneidade levou o filósofo russo a estabelecer a existência dos *gêneros primários* e *secundários*. Os *primários* aludem a situações comunicativas cotidianas, espontâneas, não elaboradas, informais, que sugerem uma comunicação imediata. São exemplos de gêneros primários a carta, o bilhete, a piada, o diálogo cotidiano. Os *gêneros secundários*, normalmente mediados pela escrita, aparecem em situações comunicativas mais complexas e elaboradas, como no teatro, romance, tese científica, palestra, etc.

Para fins de caracterização de um gênero discursivo, faz-se necessário que sejam considerados alguns aspectos definidos por Bakhtin (1997), a saber: *conteúdo temático* (assunto), *plano composicional* (estrutura formal) e *estilo* (leva em conta a forma individual de escrever, vocabulário, composição frasal e gramatical). Estas características estão relacionadas entre si e são determinadas em função das especificidades de cada esfera de comunicação, principalmente devido a sua construção composicional.

Portanto, é possível considerar que a piada possui as características apontadas pela teoria bakhtiniana para a constituição de um gênero discursivo, ou seja, ela possui forma composicional, estilo e conteúdo. De acordo com os estudos de Muniz,

o gênero piada parte de um ponto de vista coletivo (sócio-cultural) e é atravessado pelos discursos produzidos na sociedade; é tendencialmente curto e contém características básicas de uma narrativa. Apresenta dois *scripts* opostos que, geralmente, dizem respeito a algum estereótipo (tema), seja linguístico ou social, que serão ativados através de um gatilho e, além disso, contém uma característica pragmático-discursiva *non-bona-fide*, que “fecha” o texto. Para que o desfecho produza humor, principal função da piada, o leitor/ouvinte terá que buscar amparo no contexto, uma vez que a piada vai “brincar” tanto com fatos linguísticos, como com fatos concernentes ao entorno sócio-cultural para veicular discursos geralmente “não-autorizados” socialmente (MUNIZ, 2004, p. 145).

Assim, as breves considerações feitas sobre os gêneros discursivos na visão de Mikhail Bakhtin são necessárias por conta da escolha do *corpus* desta pesquisa. Deste modo, compreendemos o gênero discursivo piada como um gênero que possui as características abordadas pelo teórico para a definição de um gênero do discurso, ou seja, podemos observar

nela tanto aspectos composicionais, estilísticos e temáticos, tanto fenômenos ideológicos, históricos e culturais. Ao assumirmos isso, estamos aceitando, também, que essa historicidade remeta-se tanto a eventos enunciativos que antecedem a constituição dos gêneros quanto pode possibilitar o aparecimento de novos eventos enunciativos, como postula a teoria bakhtiniana. Com isso, partimos para a primeira parte desta Monografia que trata sobre o humor a partir da perspectiva psicanalítica e filosófica.

## 2.2 O humor: Freud explica

É através da obra *Os chistes e suas relações com o inconsciente*, de Sigmund Schlomo Freud (1977), que vemos o assunto dos chistes sendo tratado de modo específico. Para conhecer e se aprofundar nos estudos do humor e da piada, fez-se imprescindível realizar a leitura dessa obra.

O que Freud fez questão de comentar foi a respeito da escassez de estudos relacionados aos chistes<sup>2</sup>, em que os poucos teóricos que se dispuseram a desenvolver tal estudo acabavam relacionando-os com o cômico. Apesar de ter constatado isso em seu tempo, percebemos que a carência de estudos sobre o humor no âmbito acadêmico é bastante atual, apesar de este material possuir grande riqueza de conteúdo histórico, ideológico e, por conseguinte, discursivo, principalmente quando exposto ao olhar de um analista do discurso.

Após um breve levantamento desenvolvido por Freud acerca das diversas visões teóricas que tratavam sobre as questões do humor em seu tempo, vemos que nas etapas seguintes de sua obra ele irá observar os chistes relacionando-os com os processos de elaboração onírica. Segundo o estudioso, este material poderia ajudar a compreender os processos mentais e as organizações psíquicas, e assim, desvendar o inconsciente humano.

Neste sentido, o precursor da psicanálise se propôs a tratar das técnicas dos chistes buscando compreender, a princípio, o que levaria um comentário a ser entendido como um gracejo. Segundo o teórico, “ou o pensamento expresso na sentença possui em si mesmo um caráter de um chiste, ou o chiste reside na expressão que o pensamento encontrou na sentença” (FREUD, 1977, p. 29). Portanto, para este escritor, a piada pode ser compreendida como o resultado de uma técnica verbal. Deste modo, Freud (*ibidem*) irá se voltar para a última opção, a de que o chiste reside na expressão do pensamento, buscando entender qual o

---

<sup>2</sup> Originada do alemão *Witz*, que significa *gracejo*, a palavra chiste é encontrada na obra freudiana como uma espécie de válvula de escape de nosso inconsciente, utilizada para dizer, em tom de brincadeira, o que se pensa de ridículo sobre o objeto alvo. Tal termo está relacionado ao que conhecemos como a *piada* (FREUD, 1977).



propósito de suas técnicas e o que ocorre com o pensamento ao ponto de se transformar em uma anedota.

Assim sendo, o psicanalista irá denominar as técnicas que são responsáveis pela produção dos chistes que são: a condensação, múltiplo uso do mesmo material e duplo sentido. Sendo assim, a técnica de *condensação* resulta de um artifício que faz parte de uma segunda opção da verbalização do chiste, que consiste na formação de um substituto que irá desencadear o efeito de humor esperado pelo chiste. Tal condensação pode se caracterizar de duas formas, *condensação com a formação de palavra composta* ou *condensação com modificação*. A técnica do *uso múltiplo do mesmo material* busca fazer uma modificação no material verbal, dando a impressão de que algo diferente está sendo dito através das mesmas palavras, e nesta perspectiva, o chiste será bastante eficaz quanto ao propósito humorístico. Os *chistes de duplo sentido* podem ser caracterizados como um nome ou coisa que possuem *significados literal e metafórico, significados com duplo sentido propriamente dito, com double entendre e duplo sentido com alusão*.

O que ocorre logo após ter descoberto estas técnicas dos chistes, é que Freud (1977) irá reuni-las em um mesmo nível técnico que será o da *condensação*, pois, segundo ele, todas elas tendem a se comprimir, já que a economia pode ser considerada como uma das principais características encontradas nos chistes em geral.

A técnica do *deslocamento*, também encontrada pelo estudioso em suas análises dos chistes, “consiste no desvio do curso do pensamento, no deslocamento da ênfase psíquica para outro tópico que não o da abertura” (FREUD, 1977, p. 68). Para o psicanalista, um chiste construído com esta técnica está mais voltado para o curso do pensamento do que para a expressão verbal. Vejamos o exemplo (1)<sup>3</sup> a seguir.

#### Exemplo 1- A Loira e a tampinha da Coca-Cola

*A loira estava tentando tirar a tampa da Coca-Cola e não conseguia.*

*-Que inferno!*

*O dono do bar explicou:*

*-Você tem que torcer.*

*E a loira, batendo palmas, na maior torcida pela tampinha:*

*-Tam-pi-nha !Tam-pi-nha...*

Disponível em [http://gigadicas.com/piadas/piada.php?id\\_cat=24&id=1056](http://gigadicas.com/piadas/piada.php?id_cat=24&id=1056). Acesso em 31/04/2014

<sup>3</sup> As piadas analisadas em todo o trabalho foram reproduzidas *ipsis litteris*, ou seja, preservando a escrita original.

O exemplo (1) mostra-nos a presença da técnica de *deslocamento*, pois a palavra *torcer* apresenta-se com dois sentidos. De início, ela representa o sentido correspondente ao ato de girar o objeto para um lado oposto, ou seja, girar a tampa da garrafa do refrigerante, para poder ser aberto. Vimos isso na fala do garçom. Depois, na fala da loira esta palavra adquire outro sentido que é o de torcida, ato de apoiar, em que ela torce para que a tampa da garrafa se abra. Aqui, vemos o sentido primeiro da palavra sendo *deslocado* para outro sentido diferente, ou seja, a ênfase psíquica dada ao primeiro sentido foi *deslocada* para outro pensamento, fazendo com que ocorra um certo desvio do curso do pensamento inicial da palavra. Podemos constatar que esta técnica é bem recorrente nas piadas de loira, já que a maior parte deste material visa caracterizar a mulher como ignorante. Para mostrar este aspecto a piada se vale muito bem do deslocamento de um sentido inicial, adequado para determinado contexto comunicativo de uma palavra, para outro sentido diferente, que não corresponde a situação comunicativa desta mesma palavra.

Outra característica mostrada por Freud (1977), que também faz parte da técnica de *deslocamento*, é o chamado *nonsense* ou *raciocínio falho*, em que os chistes que comportam tal técnica possuem um conteúdo que transmite um sentido estúpido e até mesmo absurdo para o contexto enunciativo. A técnica do *raciocínio falho* ocorre quando “uma pessoa que estava reagindo sempre da mesma forma, várias vezes em sucessão, repete tal modo de expressão na ocasião seguinte, quando este é inadequado e prejudicial às suas próprias intenções” (*ibidem*, p. 82). Vejamos o exemplo (2) a seguir.

### Exemplo 2- A Loira e o Vibrador

*Aquela loira fenomenal no consultório do ginecologista:*

— *Doutor, o assunto é um pouco embaraçoso para mim, mas eu tenho que lhe contar.*

*Por um acidente, meu vibrador... Ficou preso... Dentro da minha...*

— *Compreendo, compreendo, senhorita! — interrompeu o médico tentando ser gentil. —*

*Claro que eu preciso examiná-la, mas a princípio a melhor solução é fazer uma operação para extrair o vibrador.*

— *Extrair? Nem pensar, doutor! Eu só vim aqui para trocar a pilha!*

Disponível em <http://www.piadasonline.com.br/MostraPiadas.asp?O-Vibrador-Entalado>. Acesso em 31/04/2014.

O exemplo (2) demonstra bem este tipo de *deslocamento com raciocínio falho*, pois é possível compreender que a loira procura um médico para extrair o objeto (vibrador) que

estava preso em seu corpo, especificamente no órgão genital (vagina), e que poderia estar incomodando-a, de outra maneira pode-se entender que ela não estaria num consultório médico. No entanto, este pensamento se desloca no final do texto, quando a loira age de modo surpreendente, pois na sua fala percebemos que a procura ao médico não era para solucionar uma situação pressupostamente incômoda, mas para que o ginecologista a ajudasse a continuar nela. É possível entender que, para a loira, esta circunstância não representava nenhum aborrecimento, mas uma sensação prazerosa. Neste sentido, podemos observar a presença de um *deslocamento* que parte de um pensamento inicial para outro, pois o que se espera é que a loira haja de modo convencional ao ocorrido, mas, na verdade, ela toma uma atitude totalmente contrária e inadequada, até mesmo absurda, para o contexto apresentado pela piada, caracterizando-se assim a técnica de *raciocínio falho*.

Portanto, trazer um pouco do pensamento freudiano sobre a técnica dos chistes serviu para nos mostrar que as piadas possuem técnicas para a construção do humor. Aquelas que trazem a mulher como escopo principal, e, na nossa pesquisa, as piadas de loira, podem corresponder aquilo que o psicanalista abordou em sua obra sobre a técnica dos chistes. Notadamente, no exemplo (1), entendemos que a técnica de *deslocamento* serviu para propagar uma característica negativa dada à mulher, à loira *burra*. No exemplo (2), por meio da técnica de outro tipo de deslocamento considerado *raciocínio falho*, propaga-se outra característica negativa dada à mulher que é a da loira lasciva. A partir das análises das piadas (1 e 2), percebemos que as técnicas utilizadas nos chistes acabam servindo para mostrar aspectos ideológicos e sociais que fazem parte de uma sociedade, inclusive o pensamento machista que ataca a imagem da mulher de modo estereotipado.

Ainda na primeira parte do livro, Freud (1977) se volta para a análise dos propósitos dos chistes. Ao notar que estes podem ou não proporcionar um efeito perturbador, o teórico aponta dois tipos de chistes: os que possuem um fim em si mesmo (chistes inocentes) e aqueles que possuem um propósito (chistes tendenciosos). Neste momento, em vez de se ater a aspectos da técnica dos chistes, o estudioso se volta para algo que considera mais importante. Na perspectiva freudiana,

a atividade chistosa não deve ser, afinal, descrita como inútil e desinteressada, já que tem o propósito inequívoco de suscitar prazer em seus ouvintes. Duvido que estejamos em condições de empreender qualquer coisa sem ter uma intenção em vista (FREUD, 1977, p. 115).

Segundo o teórico, investigar os propósitos dos chistes é algo que deve ser bem considerado. Ele revela que quando se trata de um chiste tendencioso, este terá dois propósitos: primeiro, será um chiste *hostil*, que apresentará forte conteúdo de agressividade, sátira ou defesa; segundo, será um chiste *obsceno*, com a finalidade de *desnudamento*, ou seja, *smut*<sup>4</sup> (pornografia). Deste modo, os chistes tendenciosos possuem o poder de satisfazer um instinto que poderá ser de ordem libidinosa ou hostil, quando se deparam com algum obstáculo. Este empecilho pode ser caracterizado pelos convencionalismos sociais que controlam as ações dos indivíduos na sociedade. Então, esse tipo de chiste consiste num meio que se pode obter prazer de um espaço que se tornou inacessível, seja pelo controle social ou até mesmo pela inflexibilidade da mulher em ceder aos apelos sexuais do homem.

Falando sobre os chistes tendenciosos, o psicanalista inicia sua investigação voltando-se para os *desnudadores*, vendo-os como dignos de minuciosa investigação. Porém, por carregarem um conteúdo que de certa forma pode causar constrangimento e aversão, o estudo deste material acaba sendo não valorizado por muitos estudiosos. Assim, os chistes *desnudadores* carregam em si um conteúdo pornográfico em que o *smut*

se dirige a uma pessoa particular, que desperta no locutor uma excitação sexual a qual, ouvindo-o, espera-se que fique ciente da excitação dele e em conseqüência, torne-se por sua vez excitada sexualmente. Ao invés de excitada, a outra pessoa pode ser levada a sentir vergonha ou embaraço, o que é apenas reação à excitação e, por linhas transversas, uma aceitação desta (FREUD, 1977, p. 117).

Com isso, podemos compreender que o *smut* volta-se para a pessoa que o locutor se sente atraído sexualmente e este espera que esta pessoa sinta a mesma atração por ele. O que ocorre de fato é que tal pessoa poderá ter uma reação avessa. Para Freud (1977), o *smut* se dirige principalmente à mulher, pensamento do qual partilhamos, pois vemos que a maioria das piadas portadoras de conteúdo pornográfico tem a mulher como foco principal, sendo o homem o maior locutor deste tipo de piada. Ainda segundo o psicanalista,

se o homem, em companhia de homens, gosta de falar ou ouvir *smut*, a situação primitiva, que não pode se realizar devido às inibições sociais, pode ser facilmente imaginada. Uma pessoa que ri do *smut* que escuta, está rindo como se fora espectador de um ato de agressão sexual (FREUD, 1977, p. 117).

O material que compõe o *smut* é desnudador e vergonhoso, com objetivo “de ver

---

<sup>4</sup> Termo em inglês apresentado na obra de Freud sem ser traduzido, pois segundo o tradutor, não foi possível encontrar uma expressão portuguesa correspondente. Assim, o *smut* pode ser entendido como a expressão verbal de fatos e relações sexuais, ou seja, pornografia (FREUD, 1977).

desmascarado o que é sexual” (FREUD, 1977, p. 117), e como este volta-se primordialmente para a mulher, obviamente esta não poderia se sentir atraída por esse material, mas sim envergonhada. Vejamos o exemplo (3), a seguir.

### Exemplo 3- A Loira e o excesso de velocidade

*Logo depois de comprar um carro novo, o sujeito leva uma loira sensacional para dar umas voltas. Ela adora velocidade e ele decide provocá-la:*

*- Se eu chegar a 200 km/h, você tira a roupa?*

*Ela olha assustada, mas logo faz uma cara de safada e concorda. Então ele chega a 100 km/h e ela tira os sapatos. Logo ele aumenta pra 130 Km/h e ela tira a blusa. Ele fica babando nos peitões da loira e acelera pra 150 km/h, até ela tirar o sutiã. Ele começa a suar, mas não tira o pé do acelerador. Quando ele chega a 180 Km/h a loira solta o cabelo, tira a saia e joga para o banco de trás. Ele pisa ainda mais fundo e quando chega a 200 Km/h ela finalmente tira a calcinha. Que mulherão. Ele fica olhando pro corpão da loira por alguns segundos, quando de repente ela dá um grito e eles perdem o controle. O carro capota, mas por um milagre eles sobrevivem.*

*A loira fica ilesa, mas o sujeito fica preso nas ferragens e diz:*

*- Por favor, vá pedir ajuda. Eu estou entalado aqui dentro.*

*- Mas eu não posso. Eu ‘tô’ pelada.*

*Então ele olha ao seu redor e vê um dos seus sapatos.*

*- Pega esse sapato e se cobre. Mas vai procurar ajuda.*

*A garota sai correndo nua pela estrada, segurando o sapato entre as pernas, até que chega a um posto de gasolina e pede ao frentista:*

*- Por favor, me ajuda. O meu namorado ficou entalado.*

*Ele olha para o corpão da loira, depois para o sapato e diz:*

*- Ih, dona. Acho que ele está muito fundo.*

Disponível em <http://beta788.humortadela.com.br/piadas-texto/27912>. Acesso em 07/04/2014.

No exemplo (3), marcado pela presença de três personagens, dois homens e uma mulher, observa-se a ênfase dada ao corpo da loira, fator bem comum neste tipo de piada; comprova-se isto em “Que mulherão!” e “o corpão da loira”. Também, vemos esta ênfase durante a narração da gradação de atitudes que mostram a loira sendo desnudada aos poucos até estar completamente nua. Portanto, estar nua é a condição desta mulher ter seus desejos

atendidos pelo homem, pois ela é compelida a tirar as vestimentas como condição de seu namorado aumentar a velocidade do carro, para que viva um momento de aventura. Ocorre o acidente por excesso de velocidade, e ao pedir ajuda ao frentista percebemos que, antes de mais nada, o que chama a atenção desse homem é o *corpão* da loira: “Ele olha para o corpão da loira, depois para o sapato”. Com isso, o corpo nu feminino recebe grande destaque na piada, sendo desvelado de modo pornográfico e degradante, ao ponto de o frentista pensar que o namorado estaria *entalado* no corpo da loira, que só seu sapato ficou de fora, oferecendo conotações sexuais à mulher, tida como objeto de satisfação sexual masculina.

É pela linguagem e conteúdo pornográfico que vemos a vítima da piada (a mulher) sendo alvo de desnudamento e de conteúdo que causa vergonha. O exemplo (3) trata-se de um exemplo claro de chiste *desnudador*, partindo-se do *smut* (pornografia), que possui a função de tornar visto o que é sexual a respeito da vítima do chiste. Para Freud (1977, p. 118), o indivíduo que ouve/ler este tipo de piada é instigado a imaginar “partes do corpo ou procedimento em questão, ao mesmo tempo em que lhe é mostrado o que o assediante, ele próprio, está imaginando. Não se pode duvidar de que o motivo original do *smut* seja o desejo de ver desmascarado o que é sexual”.

O psicanalista explica ainda que um chiste tendencioso parte de três pessoas: a que faz o chiste, a outra pessoa que é tomada como objeto da agressividade hostil ou sexual e, posteriormente, a pessoa que ouve/lê o chiste. Com isso, vale salientar que o indivíduo que produz ou transmite o chiste tende a não rir dele, mas sim o seu leitor/ouvinte, que se deleita com o efeito prazeroso que este pode lhe oferecer. A vítima do chiste tendencioso seria a mulher, tida como objeto central desse tipo de material, comprovando, assim, a teoria freudiana, não somente com o exemplo (3), como também com muitas outras que circulam na sociedade, através deste ou de outro gênero que contenha um discurso humorístico.

Importante ressaltar que, para o teórico, a inflexibilidade da mulher é a causa principal para a produção de *smut*. Este tipo de conteúdo circula facilmente entre homens, já que alguma mulher poderia se sentir envergonhada com tal assunto, sendo ela o alvo central. Sobre isso, Freud (1977) salienta que quando o produtor do chiste (o homem) tem seu impulso libidinoso inibido pela mulher, este desenvolve uma tendência hostil contra ela e ainda convoca como aliado seu leitor/ouvinte. É interessante como o *smut* acaba produzindo um efeito eufórico entre pessoas comuns, ou seja, a enunciação obscena oferece prazer tanto para quem a produz, tanto para quem ri dela. Assim, parece-nos que a pornografia só é aceita na sociedade em forma de chiste, já que o *smut* por si só, pode possuir um conteúdo considerado escandaloso, podendo causar intolerância.

Para Freud (1977), os propósitos dos chistes consistem em tornar possível a satisfação de um instinto libidinoso ou hostil que foi bloqueado por algum obstáculo, sendo um deles caracterizado pela inflexibilidade da mulher para tolerar a sexualidade de maneira obscena por parte do homem. Então o *smut* acabaria sendo adaptado em forma de chiste, pois só assim poderia ser aceito em âmbito social. A intolerância a obscenidade entre mulheres e até mesmo entre homens, é causada pela repressão dada pela sociedade civilizada.

Os chistes tendenciosos têm a seu dispor fontes de prazer que vão além daquelas disponíveis aos chistes inocentes, pois estes possuem a técnica como a grande responsável pela produção do prazer, mas além da técnica, há o prazer da superação de um obstáculo para a satisfação de um instinto e é aqui que se encontram os chistes tendenciosos. Freud aponta para o fato de que eles podem ter um propósito hostil que pode ser contra estrangeiros, negros, mulheres etc.

Aqui, desde logo, encontramos a mesma situação. Desde nossa infância individual, e, similarmente, desde a infância da civilização humana, os impulsos hostis contra o nosso próximo têm-se sujeitado às mesmas restrições, à mesma progressiva repressão, quanto nossas tendências sexuais (FREUD, 1977, p. 122).

Para o pesquisador, se não conseguimos amar nosso inimigo, através da sociedade civilizada, aprendemos a controlar nossos impulsos hostis contra ele. Desta maneira, a hostilidade, que faz parte do homem, é substituída pelo pensamento social de que a linguagem obscena trata-se de um comportamento abominável, e são os chistes responsáveis por contornar a aparição da hostilidade do sujeito contra seus inimigos.

Os chistes tendenciosos possibilitam superar os obstáculos e explorar nos inimigos (sogra, loiras, mulheres/esposas, gaúcho, negro, etc.), “algo de ridículo que não poderíamos tratar aberta ou conscientemente devido a obstáculos no caminho; ainda uma vez, o chiste evitará restrições e abrirá fontes de prazer que se tinham tornado inacessíveis” (FREUD, 1977, p. 123).

Freud interessou-se pelos chistes acreditando que através deles poderia explicar os mecanismos da mente e as organizações psíquicas, e até mesmo o inconsciente humano. As questões psicanalíticas podem até ser de interesse de estudiosos da área, mas vemos que a obra freudiana abordada nesta pesquisa, ao tratar da análise das técnicas de produção dos chistes, do conteúdo crítico, satírico, obsceno que traz consigo, acaba despertando algo que pode ser conjecturado pela Linguística e pela Análise do Discurso Francesa. Aliás, podemos considerar, pela visão freudiana sobre os chistes, que as piadas de loira, além de serem

produzidas por técnicas para que ela atinja seu objetivo cômico e prazeroso, possuem também conteúdos tendenciosos de desnudamento e hostilidade, como forma de expressar, através de uma linguagem obscena, tudo aquilo que não se pode expor abertamente sobre o “inimigo” (a mulher) se não for através de uma piada.

Portanto, entendemos que as piadas de loira podem ser consideradas como tendenciosas, com propósitos *desnudadores* e *hostis*, pois transmitem um discurso machista que está arraigado no âmbito social, e que tanto a Psicanálise como a Análise do Discurso podem funcionar como aportes teóricos para compreender este tipo de comportamento.

### 2.3 O humor: Bergson explica

Na obra *O Riso – ensaio sobre a significação do cômico*, de Henri Bergson (1993), observamos como proposta básica a discussão sobre os processos de produção do cômico. Para tanto, o filósofo partiu de questionamentos como: “Que significa o riso? O que há no fundo do risível? O que haverá de comum entre uma careta de palhaço, um jogo de palavras, um quiproquó de *vaudeville*, uma cena de fina comédia?” (BERGSON, 1993, p. 13).

Partindo desses questionamentos, Bergson aponta três aspectos importantes relacionados ao riso, a saber: não há comicidade fora do que é propriamente humano; o riso é insensível; sempre exige uma participação de uma outra inteligência que partilhe do mesmo posicionamento, pois “o nosso riso é sempre o riso de um grupo” (1993, p. 16). Nas palavras do autor:

Para compreendermos o riso, temos de o repor no seu meio natural, que é a sociedade; temos sobretudo de determinar a sua utilidade de função, a sua função social. Eis, digamo-lo desde já, a ideia de diretriz de todas as nossas indagações. O riso deve dar a resposta a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social (BERGSON, 1993, p.17).

Com esta afirmação, o estudioso ressalta que o riso parte das relações sociais, pois corresponde a certas exigências da vida em comum. O filósofo também salienta que o riso deve ter uma função social contribui para o nosso posicionamento nesta pesquisa, pois, ao tratar o texto humorístico enquanto discurso que faz parte de determinado contexto histórico, e social o pensamento do filósofo nos ajuda a vislumbrar a razão da abordagem de determinados temas em piadas, tornando a análise do discurso humorístico interessante.

Bergson (1993) salienta que o riso é um gesto social que castiga os costumes, ou seja, pode-se rir do que é involuntário, desajeitado, da rigidez do corpo, do espírito e do caráter.



Também, há uma forte tendência social para rir dos desvios, dos vícios e dos automatismos. Com isso, é comum rir do aleijado, do que tropeça e cai em público, de pessoas que tem comportamentos rígidos como padres, pastores, etc. Segundo o estudioso, o cômico é inconsciente, pois o indivíduo só pode ser considerado cômico se este ignorar tal condição, se não se preocupar com seu modo de ser e agir. Ainda, o riso castiga os costumes e “obriga-nos a cuidar imediatamente de parecer o que deveríamos ser, o que um dia acabaremos por ser verdadeiramente” (BERGSON, 1993, p. 20). Portanto, o riso acaba funcionando como uma ferramenta que regulamenta os costumes de uma sociedade, pois a partir do momento que um indivíduo percebe algo de ridículo nele, que foge aos padrões exigidos por determinados grupos sociais, tenta se moldar ao máximo para não ser motivo de escárnio.

Partindo desse pensamento, o filósofo elenca algumas normas que regulamentam o cômico. Uma delas aborda o cômico das fisionomias, a feiúra cômica das imitações, dos automatismos, do exagero das caricaturas, dos disfarces. “Automatismo, rigidez, hábito adquirido e conservado, são os traços pelos quais uma fisionomia nos causa riso” (BERGSON, 1993, p. 22). Para exemplificar esta afirmação, o pesquisador cita o caso das caricaturas, pois apesar de comumente se pensar que uma fisionomia pode ser perfeita em seus traços, na verdade haverá certa imperfeição nela e a arte da caricatura pode nos mostrar o que há de irregular, “trata-se sem dúvida de uma arte que exagera” (*ibidem*, p. 23). Portanto, além de tentar demonstrar certas deformidades em uma fisionomia, a caricatura utiliza o exagero como o grande responsável pelo cômico.

Outra norma de regulamentação discute o cômico das formas, dos gestos e dos movimentos. É o caso, por exemplo, dos cacoetes. A repetição não é considerada uma atitude normal na vida, razão porque, quando um palestrante manifesta um gesto constante que concorre com sua fala, isto pode se tornar cômico, pois há um desvio do curso da normalidade da vida. Os vícios de linguagem também podem servir de exemplo para essa norma, pois quando este se torna constante no discurso de um palestrante, pode ser que sua atuação torne-se cômica. “Porque tenho agora diante de mim um mecanismo que funciona automaticamente. Já não é mais a vida, mas automatismo instalado na vida e imitando a vida. É a comicidade” (BERGSON, 1993, p. 25).

Em sua obra, o filósofo destaca ainda três maneiras que auxiliam na identificação da fórmula do cômico e que acompanham a perspectiva do *mecânico calçado no vivo*, qual sejam:

Em primeiro lugar, essa vista do mecânico e do vivo inseridos um no outro faz com que nos inclinemos à imagem mais vaga de alguma rigidez qualquer, aplicada à mobilidade da vida, tentando desajeitadamente acompanhar-lhe as linhas e lhe imitar

a maleabilidade (BERGSON, 1993, p. 33).

Por essa via, o teórico aponta para a noção de disfarce, ou seja, um indivíduo que se disfarça torna-se cômico. Para ele, todo disfarce é cômico, seja de uma pessoa, da sociedade em geral, e até mesmo o disfarce da natureza. Portanto, ri-se da artificialidade do que é natural, por exemplo, de um animal fantasiado; ri-se da sociedade que se disfarça, como o que ocorre na festa popular consagrada como carnaval, em que o disfarce é a marca principal de seus participantes.

A segunda fórmula do cômico, apontada por Bergson (1993, p. 27) diz o seguinte: “É cômico todo incidente que chame nossa atenção para o físico de uma pessoa estando em causa o moral”. Deste modo, quando um orador no momento de sua apresentação espirra, por mais erudita que seja sua postura, pode se tornar risível, pois há um desvio da atenção da platéia que parte do discurso do orador para o incidente físico, que ocorreu num contexto que poderia não se esperar tal incidente. Segundo o escritor, de um contexto considerado sério pode-se extrair algo de ridículo e risível da imagem de uma pessoa cujo corpo incomoda.

A outra direção dada pelo filósofo sobre a identificação do cômico é: “rimo-nos sempre que uma pessoa nos dê a impressão de ser uma coisa” (BERGSON, 1993, p. 30). Dessa forma, podemos rir de um palhaço, quando este se faz de bala de canhão e voa pelo espaço, pois trata-se de algo engraçado ver um ser humano agindo como um objeto, uma *coisa*. Vejamos o exemplo (4).

#### Exemplo 4- A loira e a escova de dentes

*Qual a diferença entre uma loira e uma escova de dente? R: Seus amigos não usam a sua escova de dentes.*

Disponível em <http://www.piadasnet.com/piada1009loiras.htm>. Acesso em 28/08/2014.

Este exemplo (4) nos ajuda a inferir sobre uma das leis apontadas por Bergson (1993) para se caracterizar o cômico, a pessoa vista como *coisa*. Este caso tipifica bem algo que é bastante recorrente nas piadas de loira, em que a mulher será tratada como objeto particular do homem. Assim como qualquer objeto, para o discurso machista, a mulher serve para ser usada, e no exemplo (4), a diferença apontada entre o uso de uma escova de dentes e o *uso* da loira, é que o primeiro consiste num objeto de uso pessoal, e a loira seria um *objeto* de uso coletivo, demonstrado em “seus amigos não usam sua escova de dentes”. *Usar* aqui possui o

sentido de ter relações sexuais, em que a mulher seria disponível sexualmente, fator que corresponde ao pensamento machista de que ela possui diversos parceiros. Vejamos a seguir o exemplo (5).

#### Exemplo 5- A loira e a Frigideira

*Qual a semelhança entre uma loira e uma frigideira? R: Você tem que aquecer bem antes de por a carne.*

Disponível em <http://www.piadasnet.com/piada950loiras.htm>. Acesso em 28/08/2014

No exemplo (5), vemos a loira sendo comparada a outro objeto. A leitura nos leva a entender que do mesmo modo que uma frigideira assaria bem a carne quando aquecida antecipadamente num fogão, isso poderia ocorrer com a loira, se bem aquecida poderia dar bastante prazer ao homem na relação sexual. Assim, entendemos que, possivelmente, o termo *carne* remete-se ao órgão sexual masculino (pênis), dando a entender neste exemplo (5), que antes de qualquer penetração, a mulher precisa ser aquecida com as preliminares sexuais.

Em ambos os exemplos (4 e 5), foi possível observar a *coisificação* da mulher, tratada como objeto do homem, e é justamente este fator que acaba sendo o responsável pela comicidade do texto. No exemplo (4) a mulher é vista como fácil, que fica com vários homens, e por isso, a escova de dentes foi mais valorizada, por ser objeto de uso individual. No exemplo (5) o sentido dado ao uso sexual da mulher é que assim como um frigideira, ela precisaria ser aquecida antes de ser usada, para que o sexo seja prazeroso... para ele, naturalmente. Como observamos, a mulher acaba sendo o alvo principal da situação cômica que, na maioria das vezes é colocada no mesmo nível de um objeto, *a coisa* como aponta Bergson (1993).

O filósofo, também, aborda a comicidade de situações e comicidade de palavras. O estudioso usa o teatro bufo<sup>5</sup>, algumas brincadeiras infantis e a repetição dessas brincadeiras encontradas na comédia para os adultos como exemplos de situações cômicas.

A partir daí, o teórico aponta três fatores responsáveis pelo cômico de situações: o primeiro é a *repetição* que consiste em circunstâncias que se repetem em diversos momentos, “contrastando vivamente com o curso cambiante da vida” (BERGSON, 1993, p. 45). O escritor exemplifica seu entendimento a partir da seguinte situação: quando nos encontramos com um conhecido durante um passeio no centro da cidade, o cumprimentamos e nos

<sup>5</sup> Teatro popular caracterizado pela dramatização cômica, satírica e paródica (BERGSON, 1993).

despedimos dele, de repente o encontramos de novo e essa situação vai se repetindo ao longo do dia. Quem não achou engraçado reencontrar uma pessoa várias vezes no mesmo dia, de modo inesperado? Acreditamos que tal fator não poderia deixar de ser cômico, pois contrasta com a normalidade da vida que se espera não haver repetição de situações, sua essência é estar em constante transformação.

O segundo fator da situação cômica é a *inversão*, “trata-se sempre de uma inversão de papéis e de uma situação que se vira contra aquele que a criou” (BERGSON, 1993, p. 65). Considerando o exemplo do teórico, um momento cômico por *inversão* pode ser caracterizado quando, numa situação escolar, o aluno mostra maior entendimento do assunto do que o professor; quando a criança ensina aos pais; quando o acusado dá lição de moral ao juiz, ou seja, em todas estas situações há uma inversão de papéis no que diz respeito ao que se espera das atitudes adequadas para cada personagem que constitui a situação comunicativa. Assim, para o filósofo, o cômico está no que se encontra no mundo as avessas.

O terceiro fator que caracteriza uma situação cômica é a *interferência das séries*, “uma situação é sempre cômica quando pertence ao mesmo tempo a duas séries de acontecimentos absolutamente independentes, podem interpretar-se alternadamente em dois sentidos completamente diferentes” (BERGSON, 1993, p. 66). Vejamos o exemplo (6).

#### Exemplo 6- Passando no vestibular

*A loira fez a prova final do vestibular. No dia seguinte, encontra com uma amiga, que pergunta curiosa:*

*- E aí, menina, me conta: deu pra passar na prova?*

*E a loira, séria:*

*- Dei...*

Disponível em <http://www.piadas.com.br/piadas/loiras/muitas-loiras>. Acesso em 07/04/2014.

Neste exemplo (6), a amiga da loira a questiona se *deu* para ela passar no vestibular, ou seja, se ela conseguiu ser aprovada no teste. No entanto, vemos na resposta da loira um sentido diferente do que se espera, pois, enquanto no enunciado da amiga a palavra *deu* apresenta o sentido de *passar na prova*, no enunciado da loira esta mesma palavra adquire outro sentido, numa perspectiva sexual do ocorrido. Deste modo, quando a loira é questionada sobre seu desempenho para obter êxito no exame vestibular, o leitor/ouvinte da piada espera que ela responda se o resultado foi positivo ou negativo. Entretanto, ele se surpreende com

uma resposta inusitada, que corresponde aos meios usados pela loira para que fosse aprovada, ou seja, podemos considerar que encontramos na palavra *dei* um sentido ambíguo, que no exemplo (6), pode possuir tanto o sentido da loira que foi aprovada no vestibular através de um bom desempenho ou se prostituindo para os examinadores do teste. Portanto, encontramos uma situação que se refere a duas séries de acontecimentos distintos apresentadas ao mesmo tempo, mas com sentidos diferentes.

Com isso, o leitor/ouvinte ri pelo fato da loira estar sendo caracterizada como uma pessoa que consegue algo na sociedade em troca de sexo. No entanto, a chegada desse entendimento torna-se possível através da *ambiguidade* presente no texto, que é um fenômeno linguístico encontrado na maior parte das piadas. Como vimos no exemplo (6), esta ambiguidade acaba contribuindo para o estabelecimento do estereótipo da loira prostituta, confirmando a visão do filósofo de que o riso possui função social, e pode demonstrar posturas sociais acerca do objeto risível. Para Bergson (1993), esta oscilação entre um sentido possível e um sentido real presente em algumas situações enunciativas é que torna tal enunciado cômico, ou seja, podemos inferir que a ambiguidade é um excelente fator de constituição de um enunciado cômico. Enfim, para o teórico, ri-se do sentido possível da palavra, do sentido que pune e desconstrói a imagem do objeto alvo e não, necessariamente, do sentido real.

Bergson analisa, ainda, em sua obra, a comicidade de caráter, assunto de grande relevância, pois está relacionado ao homem. O indivíduo cômico é aquele que não se preocupa com os outros a sua volta, já que segundo o teórico, a comicidade é inconsciente, “por mais consciente que ele possa ser do que diz e do que faz, se é cômico é que existe um aspecto da sua pessoa que ele ignora, um aspecto que se furta a ele mesmo. Só por isso nos faz rir” (1993, p. 72). Assim, é bem característico da sociedade emoldurar hábitos dos sujeitos que são considerados inadequados em determinados setores da civilização. Mesmo um pequeno grupo que se forma dentro do grande grupo, tenderá a mobilizar normas que visam ajustar o desvio. “Tal deve ser a função do riso. O riso é verdadeiramente uma espécie de trote social, sempre um tanto humilhante para quem é objeto dele” (*ibidem*, p. 65).

Isto tipifica bem o sujeito mulher tratada, na maioria dos textos de cunho humorísticos como a piada, de maneira degradante e humilhante, quando a tipifica de ignorante, como objeto sexual, como prostituta, etc. Acreditamos que seria uma forma machista de punir a mulher por estar exercendo novos papéis sociais, que podem se constituir como desvios dos parâmetros apregoados pela ideologia machista acerca dela, por isso, acabam sendo punidas pelo riso, que estabelece estereótipos e preconceitos ao seu respeito. Bergson (1993) salienta

que não só rimos dos defeitos dos outros, mas também de suas qualidades. A beleza da mulher e do seu corpo, na maioria das vezes, será tratada em textos humorísticos visando aspectos sexuais, ou seja, de acordo com alguns padrões culturais de beleza, ser bonita é uma qualidade, mas nas piadas de loira esta beleza acaba sendo alvo de riso, com conotações sexuais. De modo geral, o cômico volta-se aos preconceitos de uma sociedade, “não vemos as coisas em si; limitamo-nos o mais das vezes a ler rótulos colados nelas. Essa tendência, fruto da necessidade, acentua-se ainda mais sob a influência da linguagem” (BERGSON, 1993, p. 75).

O autor destaca que o riso é uma forma de castigar, se um indivíduo não se encaixa dentro de um molde apreçoado por certo grupo social, mesmo de maneira inconsciente, este será castigado através do riso, e ele é maldoso, cruel. Claro, o riso pode consistir num ato de descontração, nos dando a impressão de brincadeira, mas vale ressaltar que seus efeitos não serão benevolentes.

O riso é, antes de tudo, um castigo. Feito para humilhar, deve causar à vítima dele uma impressão penosa. A sociedade vingam-se através do riso das liberdades que se tomaram com ela. Ele não atingiria o seu objetivo se carregasse a marca da solidariedade e da bondade (BERGSON, 1993, p. 94).

Apesar de o riso apresentar-se como movimento de descontração, a pessoa que ri afirma-se a si mesmo em relação aquilo ou aquele de que se está rindo, e faz isso sentindo orgulho de si ou de sua atitude, seja ela preconceituosa ou desrespeitosa. O outro de quem si ri, acaba sendo o “fantoche” de descontração de quem ri. Observaremos bem estas funções do riso ao estudarmos a questão dos estereótipos nas piadas de loira na terceira parte deste trabalho.

### CAPÍTULO III

## QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE, ESTEREÓTIPO E DIALOGISMO

### 3.1 A identidade do sujeito na sociedade pós-moderna

Na obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall (2005) discute a emergência de uma *crise de identidade* na modernidade tardia, uma vez que as antigas e estáveis identidades demonstram estar em declínio, o que culmina para a ascensão de novas identidades, fazendo com que o sujeito moderno seja considerado como fragmentado. Sendo assim, o sociólogo propõe-se a explorar as questões acerca da identidade, a fim de avaliar se, realmente, existe uma crise de identidade.

Hall (2005) considera o conceito de identidade complexo, mas isso não o impediu de formular discussões e suscitar a reflexão em torno da ideia de que as identidades estão sendo descentradas, ou seja, deslocadas, fragmentadas.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (HALL, 2005, p. 9).

Então, o estudioso denomina a perda de um sentido de si de *deslocamento* ou *descentração* do sujeito, e partindo disso, ele apresenta três possíveis concepções de identidade. A primeira trata do *sujeito do Iluminismo*, em que o indivíduo era tratado como ser unificado, dotado da capacidade da razão, centrado em si mesmo.

A segunda concepção, o *sujeito sociológico*, caracteriza bem a sociedade moderna, em que a perspectiva de um indivíduo auto-suficiente se desfaz, dando lugar a noção de que sua formação acontece a partir da relação com o Outro. De acordo com esta concepção, “a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade” (HALL, 2005 p. 11). Assim, de acordo com este conceito, o sujeito permanece com uma essência interior, mas tal essência vai sofrendo constantes modificações, a partir do diálogo com o mundo exterior e com as outras identidades contidas nele.

Portanto, as constantes alterações ocorridas na identidade do sujeito acabam sendo apontadas como as responsáveis pela sua fragmentação, em que ele será “composto não de uma única, mas de várias identidades” (HALL, 2005, p. 12). Tal fator nos leva a uma última

concepção de identidade do sujeito apresentada pelo sociólogo, a do *sujeito pós-moderno*. Esse sujeito é caracterizado como possuidor de uma identidade não fixa, que sofre constantes transformações, de acordo com as interpelações culturais que o rodeiam.

Deste modo, Hall (2005, p. 13) afirma que o sujeito adquire diversas identidades em diferentes momentos, e por isso, tal identidade não está unificada em um eu coerente. “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”.

Neste sentido, o caráter de mudança, que faz parte da sociedade moderna, afeta a questão da identidade. Para entender melhor este aspecto, o sociólogo parte das considerações de Ernest Laclau, considerando que as sociedades modernas “não têm nenhum centro, nenhum princípio articulador ou organizador único e não se desenvolvem de acordo com o desdobramento de uma única causa ou lei” (LACLAU, 1990, *apud* HALL, 2005, p. 16). Neste sentido, a sociedade não se constitui como um todo unificado, mas está constantemente em processo de *descentração* ou *deslocamento* por questões que são exteriores a ela mesma, e este fator afeta também a formação da identidade dos sujeitos. Ainda baseado no argumento de Laclau, Hall (2005) considera que as sociedades modernas são marcadas pela *diferença*, fenômeno que caracteriza uma gama de divisões sociais, aspecto que acaba gerando diferentes identidades para os sujeitos.

Segundo Silva (2000), a *identidade* e a *diferença* possuem uma relação de dependência, são inseparáveis. A *diferença* deriva-se da *identidade*, e neste sentido, há uma tendência de considerar aquilo que somos como a norma para avaliar o que não somos. Conforme exemplifica Silva, se sou brasileiro (identidade) é porque não sou argentino (diferença). De acordo com esse mesmo estudioso, além da *identidade* e *diferença* serem interdependentes, são constituídas a partir de atos de criação linguística, e por isso, devem ser consideradas como elementos produzidos no âmbito social e cultural.

Então, ao falar sobre determinada característica de um grupo social não estamos apenas descrevendo questões que fazem parte do mundo. O que esquecemos é que aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo (SILVA, 2000, p. 93).

Assim, quando se chama uma mulher de ignorante, não se trata de uma simples descrição de uma característica, mas a ênfase deste enunciado através da repetição, pode contribuir para reforçar negativamente a construção da identidade da mulher.

Portanto, *identidade* e *diferença* se constituem através de uma relação social, não são



definidas de maneira simples, são impostas, estão ligadas a uma relação de poder, não convivem harmoniosamente, há uma hierarquia entre elas, fazendo com que estejam em constante disputa. Segundo Hall (2000, p. 109), as identidades são construídas dentro do discurso, e por isso, estão interligadas ao contexto histórico e social, “além disso, elas emergem do interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica”.

Deste modo, a determinação da identidade e a manifestação da diferença pressupõe atos de incluir e excluir, pois “dizer o que somos significa dizer o que não somos” (SILVA, 2000, p. 82). É o que ocorre, por exemplo, com as oposições binárias, masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual. Vale salientar que estas oposições não correspondem a uma simples divisão de classe, pois, para Derrida (1991, *apud* SILVA, 2000, p. 83), em tais oposições um termo será constituído positivamente e o outro carregará uma carga negativa.

O que observamos no binarismo homem/mulher, constituído pela relação de poder, é que as duas identidades são produzidas através de disputa e marcação de espaços. Nesta relação, notamos a identidade do homem sendo tratada de maneira positiva e a da mulher como negativa, na maior parte dos casos, a exemplo da piada machista. No entanto, “a identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido” (SILVA, 2000, p. 83). Assim, o que temos observado em relação a construção da identidade da mulher, é que este grupo social busca afirmar seu espaço e hegemonia, como ocorre nas piadas feministas, fator que contribui para estabelecer a disputa incessante entre os gêneros sociais. Então, é só a partir da relação com o Outro que o significado positivo de uma identidade pode ser construído, “pois se uma identidade consegue se afirmar é apenas por meio da repressão daquilo que a ameaça” (LACLAU, 1990 *apud* HALL, 2000, p. 110).

A seguir, discutiremos a respeito do estereótipo e como ele contribui para a construção da identidade dos sujeitos, sendo possível verificar características do *sujeito pós-moderno*, que tem sua identidade construída a partir da relação com o Outro no gênero discursivo piada. De igual modo, tal identidade não é fixa, vai adquirindo novas performances, de acordo com as necessidades sociodiscursivas emergentes.

### **3.2 O estereótipo e o simulacro**

Possenti (2010), no artigo *Estereótipos e identidade: o caso das piadas*, estudando

sobre a construção da identidade do sujeito em textos humorísticos, salienta que tal identidade é construída pelo Outro, e no caso das piadas, é feita a partir de estereótipos. Segundo o linguista, os estereótipos presentes nas piadas são a representação do *simulacro*, que consiste num efeito causado pelo interdiscurso existente neste gênero discursivo, que demonstra uma relação polêmica entre os discursos que o constitui.

Partindo do pressuposto de que a identidade é construída socialmente e é imaginária, Possenti (2010, p. 156) afirma que “o estereótipo também deve ser concebido como social, imaginário e construído, e se caracteriza por ser uma redução (frequentemente negativa), eventualmente um simulacro”. Segundo o pesquisador, o *simulacro* é uma espécie de identidade ao avesso, que é atribuída a um grupo pelo seu Outro, mas que não é assumida por ele. Assim sendo, o estereótipo presente nos textos de humor representa fatores históricos e sociais, e nestes textos é possível encontrar uma relação de confronto entre duas identidades. De tal modo, as piadas constituem um material rico para se tratar de identidades estereotipadas, podemos citar vários tipos: *a inglesa é fria, o baiano é preguiçoso, o argentino é arrogante, a loira é burra e puta, o gaúcho é veado*, etc. Portanto, as piadas constituem um campo que comportam assuntos arraigados de uma sociedade, que são particularmente polêmicos.

Para Possenti, um estereótipo é construído através de outro. “Deveria ser evidente que os estereótipos são construtos produzidos por aquele(s) que funciona(m) como o(s) Outro(s) para algum grupo” (2010, p. 158). É importante lembrar que os chistes, que veiculam estereótipos, possuem uma função agressiva, como já salientava Freud (1977), e representam bem as relações de disputa existentes na sociedade.

Portanto, é bem característico das piadas comportarem dois discursos que se opõem: *macho/veado, esperto/bobo, inteligente/burra, inocente/devassa*, etc. Deste modo, “as piadas fazem aparecer, ao lado de um estereótipo básico, assumido pelo próprio grupo, o estereótipo oposto” (POSSENTI, 2010, p. 160). Vejamos o exemplo (7), a seguir.

#### Exemplo 7- Loiras inteligentes não existem

*O papai Noel, o Saci Pererê, uma loira burra, e uma loira inteligente andam pela rua e encontram uma nota de R\$ 100,00. Quem pega a nota? R: A loira burra, pois Papai Noel, Saci Pererê, e loiras inteligentes não existem.*

No exemplo (7), a afirmação de que “loiras inteligentes não existem”, possibilita o entendimento de que se existe tal afirmação é porque há outra que a precede, qual seja, o discurso de que a mulher é inteligente e pode desempenhar tarefas com melhor desempenho do que o homem. É o que Possenti (2010) chama de *estereótipo básico*, aquele reconhecido pelo próprio grupo e funciona como um traço de identidade que nem sempre será negativo. Então, por ser a inteligência uma característica positiva da identidade da mulher, este atributo acaba sendo desconstruído pelo seu Outro (o homem) que apresentará um *estereótipo oposto*, o de ser ignorante, que, segundo Possenti, frequentemente aparece como um estereótipo negativo, ou seja, o *simulacro*. Este fator acaba sendo evidenciado no conteúdo apresentado no exemplo (7), através da afirmação de que não existe loira inteligente, estereótipo que se opõe a identidade de inteligente, característica positiva da mulher.

Então, o *simulacro* pode ser entendido como “uma identidade que um grupo, em princípio, não assume, mas que lhe é atribuída de um outro lugar, eventualmente, pelo seu Outro” (POSSENTI, 2010, p.156). Segundo o estudioso, este fenômeno é social e imaginário, e geralmente se manifesta como uma imagem negativa da pessoa ou grupo, produzindo o mesmo efeito que o *estereótipo oposto* e, por isso, este pode funcionar como um *simulacro*.

Assim sendo, de acordo com o pesquisador, se um grupo se reconhece de determinada maneira, as piadas a seu respeito trarão discursos totalmente opositivos e de modo mais desprezível possível, produzidos pelo seu Outro. Portanto, o *estereótipo oposto* é que vai caracterizar o *simulacro*. Vejamos os exemplos (8, 9 e 10), a seguir.

#### Exemplo 8 - Loira com metade do cérebro

*Como você chama uma loira com metade do cérebro? R: Abençoada.*

Disponível em <http://www.piadasnet.com/piadas-de-loiras.htm>. Acesso em 19/04/2014.

#### Exemplo 9 - Morte cerebral

*O filho da loira pergunta ao pai:*

*-Pai, quem tem morte cerebral está morto ou vivo?*

*O pai responde:*

*-Está vivo, meu filho. Como exemplo, veja sua mãe!*

Disponível em <http://www.piadascurtas.com.br/piadas-de-loiras/>. Acesso em 19/04/2014.

### Exemplo 10 - O cérebro de uma loira

*Uma morena chega para uma ruiva e pergunta:*

*– Por que o cérebro de toda loira mede 2 cm?*

*A morena responde:*

*– Porque inchou, é lógico!*

Disponível em <http://www.piadascurtas.com.br/piadas-de-loiras/>. Acesso em 19/04/2014.

O que percebemos nos exemplos (8, 9 e 10), além do exemplo (7), é que todos transmitem o estereótipo da loira *burra*. No exemplo (8) este estereótipo se manifesta através do entendimento de que a loira só têm a metade do cérebro; no exemplo (9), pela afirmação de que o cérebro da loira está morto; e no exemplo (10), pela descrição de que o cérebro de uma loira só mede 2 centímetros. Com isso, é possível perceber que o estereótipo de *burra* aparece na maioria das piadas de loira, e pode ser entendido como o *estereótipo oposto* (simulacro) que o discurso machista atribui à identidade da mulher. Então, enquanto a inteligência da mulher funciona como uma característica positiva da sua identidade (estereótipo básico), o Outro (o homem) lhe atribui outra identidade, a de ser *burra*. Por conseguinte, além de atribuir uma identidade oposta e negativa à mulher, constatamos que a piada de loira faz isso da maneira mais desrespeitosa possível, como constatamos no exemplo (9), quando o cérebro da loira foi comparado ao de uma pessoa com morte cerebral.

Veremos, no subtópico a seguir, uma possível causa do estereótipo de *burra* ser atribuído à mulher pelo homem na piada de loira.

### 3.3 As condições de produção das piadas de loiras

Como se sabe, o ato de tingir os cabelos é comum entre as mulheres, principalmente no nosso contexto ocidental. Salvo poucas exceções, não é comum vermos a loira tingir seu cabelo com tons escuros, caracterizado pela morena, mas o contrário pode ocorrer com frequência, dando a entender que há certa vantagem em ser loira, por esta aparenta ser mais sedutora e atraente. Apesar disso, nas piadas de loira, elas são tratadas como ignorantes, prostitutas, promíscuas, etc. Segundo Possenti (2010), em algum momento, chegou-se até achar que esta visão sobre as loiras foi atribuída pelas morenas, pensamento que se desfaz com a existência de alguns materiais que comprovam que a mulher, em geral, não suporta ser tratada como ignorante, e, portanto, a morena não poderia ser a responsável pela propagação

deste conceito. Segundo este estudioso, parece que este estereótipo é mais ofensivo do que as acusações feitas por muitos “sábios”, ao longo dos séculos, de que a mulher seria uma fonte de pecado e impureza, e inferior ao homem.

Partindo do entendimento de que o discurso que circula nas piadas de loira é machista, podemos compreender que um dos fatores que impulsionam a produção deste material é a questão apontada por Hall (2000) e Silva (2000), acerca da construção da *identidade* dos sujeitos e da *diferença*. A identidade do homem, considerada de um ponto de vista hegemônico, trata a identidade da mulher de maneira negativa, por esta identidade ser diferente da sua e por, de certa forma, se sentir ameaçado por ela. Portanto, este fator evidencia a infundável oposição binária, apontada por Silva (2000), entre homem e mulher, que se constituem através da relação de poder. Com isso, as piadas sexistas surgem como uma forma de expor questões polêmicas acerca do Outro, e também comprova a relação conflituosa entre os gêneros sociais.

No decorrer de seus estudos, Possenti (2010, p. 162) levanta uma questão com a qual também compartilhamos acerca da *burrice* da mulher: “como sendo burras, as mulheres conseguem o sucesso que conseguem?”. Tentando responder a esta pergunta, vejamos o seguinte exemplo (11).

#### Exemplo 11- Loira no escritório

*Como você sabe que uma loira trabalha em um escritório? R: Porque o escritório tem um quartinho com uma cama e um sorriso enorme na cara de todos os chefes.*

Disponível em <http://www.piadasnet.com/piada985loiras.htm>. Acesso em 15/04/2014.

De acordo com o discurso machista, além de ignorante, a mulher só consegue conquistar espaço profissional porque utiliza o sexo como forma de alcançar este espaço. Lembramos que no tópico 2, do primeiro capítulo, no exemplo (4), observamos a palavra *dei*, que é apresentada de modo ambíguo, mostrando que a loira garantiu sua vaga na universidade apelando para o sexo, estereótipo apregoado pelo discurso machista, de que a mulher utiliza o sexo para se beneficiar profissionalmente. O exemplo (11) mostra que a loira alcançou espaço profissional no escritório por estar tendo relações sexuais com os chefes da empresa, entendimento que parte da afirmação “o escritório tem um quartinho com uma cama e um sorriso enorme na cara de todos os chefes”. Vejamos o exemplo (12).

### Exemplo 12- Loira Secretária

*Muito gostosona, a loira foi contratada como secretária, mais por seus dotes físicos do que pela experiência. No primeiro dia o chefe lhe dá uma ordem, e ela tenta fazer o que ele pediu. Liga para o almoxarifado da empresa e pergunta:*

— *Você tem envelope redondo?*

— *Envelope redondo?*

— *Sim! O chefe pediu para eu enviar uma circular!*

Disponível em <http://boaspiadas.blogspot.com.br/2007/08/loira-secretria-tem-um-problema.html>.  
Acesso em 15/04/2014.

Neste exemplo (12), é possível compreender que a loira só foi contratada para trabalhar como secretária “mais por seus dotes físicos do que pela experiência”. Isto é o que o discurso machista manifesta a respeito da mulher que trabalha, e neste exemplo (12), além de apresentar o estereótipo da *gostosa*, há também o da *burra*, fator que corresponde ao pensamento machista de que a mulher não possui capacidade intelectual para atuar no mercado de trabalho, e se alcançou este espaço foi por ser *gostosona*.

Tentando, assim, formular uma possível resposta ao questionamento feito por Possenti (2010) sobre a *burrice* da mulher, notamos que quando a mulher é caracterizada como ignorante não é que ela seja de fato, esta é apenas uma maneira machista de construir negativamente a identidade da mulher, e também de desmerecer as conquistas profissionais que este grupo vem alcançando. Percebemos isto na análise do exemplo (11), que passa a informação de que a mulher só consegue conquistar espaço profissional porque apela para o sexo ou utiliza a sedução (exemplo 12).

Com isso, podemos considerar que o discurso machista busca enfatizar que o lugar da mulher deve estar restrito aos afazeres do lar e da família, e não deve ser ampliado para o espaço profissional. Vejamos o seguinte exemplo (13), a seguir:

### Exemplo 13- Loira de capacete

*Por que as loiras compram capacete? Para pilotar o fogão.*

Disponível em <http://humortadela.bol.uol.com.br/piadas-texto/8995>. Acesso em 23/04/2014.

A expressão “pilotar o fogão”, geralmente é utilizada pelo homem para caracterizar o ato de cozinhar, que para ele, é específico da mulher. Ocasionalmente, tal expressão acaba

sendo usada quando há uma mulher no trânsito e se esta estiver envolvida em algum transtorno, com este enunciado o homem busca afirmar que *lugar de mulher é na cozinha*. No exemplo (13), a loira usa o capacete para cozinhar (pilotar o fogão), atividade que, segundo o machismo, é exclusivamente feminina. O sentido que mostra a loira usando um capacete para cozinhar, e não para pilotar um meio de transporte, contribui para a manifestação do estereótipo de *burra*. Assim, por meio deste estereótipo, a piada veicula o discurso de que a mulher é menos inteligente que o homem, e que cabe a ela os cuidados com o lar, não sendo capaz de exercer uma profissão ou fazer atividades que outrora eram consideradas exclusivamente masculinas, como dirigir um automóvel.

Então, o discurso de que muita coisa mudou e melhorou em relação a vida da mulher tem sido bastante recorrente há algumas décadas. É fato que há um avanço social em relação ao novo papel da mulher na sociedade, principalmente no campo profissional. Porém, apesar desses avanços, práticas discursivas antigas permanecem, e segundo Possenti (2006), as áreas que mais têm contribuído para a retomada dos discursos antigos em relação à mulher são os campos publicitário e humorístico. Para o linguista, isto ocorre porque estes discursos, talvez, são os que mais se distanciam da realidade, pois o discurso publicitário promete o impossível e o humorístico trabalha com estereótipos.

A Análise do Discurso trouxe consigo, desde então, o posicionamento de analisar o gênero discursivo considerando as condições de produção, ou seja, partindo-se do contexto histórico em que circula. Com o tempo, além das questões históricas, esta corrente teórica tem cedido espaço para o interdiscurso para compreender o sentido dos gêneros discursivos, pois como afirma Mainueneau (1987 *apud* POSSENTI, 2006, p. 6), o discurso também nasce a partir do trabalho com outros discursos. No próximo subtópico, trataremos sobre a relação dialógica no discurso humorístico, observando como ocorre tal relação entre os discursos sexistas.

### **3.4 A relação dialógica no discurso humorístico**

O pressuposto de que o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem, permeia toda a obra de Mikhail Bakhtin, ao ponto de o Círculo oferecer grande relevância aos estudos da linguagem, por perceberem que é através dela que temos acesso a realidade, já que o real só se apresenta a nós linguisticamente. Assim, nosso discurso não está em contato direto com o dado real, mas com outros discursos intrínsecos no mundo. Observamos que o filósofo se dedicou a estudar a língua “imersa na realidade enunciativa concreta, servindo aos propósitos

comunicacionais do locutor” (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 48). Então, não é que a teoria bakhtiniana irá desconsiderar a estrutura linguística, mas levanta algumas ressalvas quanto ao estudo abstrato da língua, vendo a grande significância que se tem em observá-la em seu uso real e concreto, exercendo sua propriedade dialógica.

Com isso, a teoria de Bakhtin entende que o discurso não é algo estático, mas está sempre em movimento, pois o que se observa é a prática de linguagem entre falantes reais. Segundo a Análise do Discurso, a língua deve ser compreendida como produtora de sentido, deve-se considerar o homem e a sua história, as condições de produção da linguagem e analisar a relação entre língua, sujeito e a situação comunicativa.

Ao tratar sobre o dialogismo, o filósofo russo não irá caracterizá-lo como comumente se costuma fazer, ou seja, não se trata apenas de uma conversa face a face, existem outras formas de diálogo. Por isso, o estudioso apontará para a natureza dialógica dos enunciados. Para o teórico, o dialogismo ocorre sempre entre discursos. Neste sentido, a palavra que faz parte do enunciado será constituída pela palavra do Outro, “isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu” (FIORIN, 2006, p. 19). Deste modo, todo o discurso está perpassado pelo discurso alheio e os sentidos que partem das relações dialógicas entre enunciados são os responsáveis pela dialogia. “O dialogismo é a condição do sentido do discurso” (BARROS, 1999, p. 02). Sendo assim, nenhum discurso está voltado para si mesmo, mas sempre se direciona a outros discursos a sua volta, e a palavra contida nele está sempre em diálogo com outras palavras. Para a teoria bakhtiniana “não existe um objeto de discurso que já não seja dialógico, pois não há uma fala original. No dito co-existe o já-dito” (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 59). Vejamos os exemplos (14 e 15), a seguir.

#### Exemplo 14 - **As Loiras não entendem**

*Por que as loiras não gostam de piadas de loiras? R: Porque elas não entendem.*

Disponível em [http://gigadicas.com/piadas/piada.php?id\\_cat=24&id=1096](http://gigadicas.com/piadas/piada.php?id_cat=24&id=1096). Acesso em 28/04/2014.

#### Exemplo 15 - **Os homens preferem as loiras**

*Por que é que os homens preferem as loiras? Porque gostam de companhia intelectual.*

Disponível em <http://www.zebisteca.com.br/8336/piadas/loiras/por-que-e-que-os-homens-preferem>. Acesso em 28/04/2014.



Procurando analisar de um outro ângulo, observemos o discurso feminista no gênero piada. No exemplo (14), a declaração de que as loiras não gostam de piadas de loira, porque são incapazes de entendê-las, aponta para a forma de como o discurso machista constrói a identidade da mulher, considerando-a como ignorante. Já no exemplo (15), a inteligência e o raciocínio da loira se destacam e, em vez de ignorante, a identidade da mulher é caracterizada como intelectual. Tal discurso comprova a natureza dialógica da linguagem, pois vemos aqui um enunciado sendo construído através de outro, já dito. Portanto, do sentido observado nestes dois enunciados percebemos as relações dialógicas entre eles, em que de um lado encontra-se o discurso machista e de outro o discurso feminista, um se constituindo através do outro. Isto é o que pode caracterizar o dialogismo bakhtiniano.

Então, de acordo com a teoria bakhtiniana um enunciado se manifestará sempre em diálogo com outros enunciados, refutando-os, confirmando-os, completando-os. Ele sempre estará presente durante as relações dialógicas, não existe fora delas, e como estas relações são construídas pelos sujeitos falantes, o enunciado será delimitado pela alternância entre as falas desses sujeitos, levando sempre em conta o fato de que todo enunciado oferece a possibilidade de resposta. Acabamos de comprovar este fenômeno durante a análise dos exemplos (14 e 15), em que o termo *intelectual* presente na piada feminista funciona como resposta ao termo *burra*, uma forma de refutar o que determina o discurso machista sobre a identidade da mulher. “Todo enunciado possui uma dimensão dupla, pois revela duas posições: a sua e a do outro” (FIORIN, 2012, p. 170).

Diferentemente das unidades da língua, os enunciados possuem autoria, revelam uma determinada posição, visto que “na realidade, não são palavras que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis” (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2009, p. 95), assim, todo enunciado carrega em si um conteúdo ideológico. Vejamos o seguinte exemplo (16).

#### Exemplo 16- **Homem mulher**

*Por que um homem não pode ter um bom caráter e ser inteligente? Porque seria mulher!*

Disponível em <http://www.piadasnet.com/piada722feministas.htm>. Acesso em 06/06/2014.

Com mais este exemplo (16), com conteúdo discursivo feminista, comprovamos que este está em constante diálogo com o discurso machista presente nas piadas de loira. Mais

uma vez, percebemos uma voz no enunciado, respondendo negativamente ao estereótipo de *burra* dado à identidade da mulher. Este fenômeno acaba correspondendo a uma característica importante do dialogismo: a de que todo enunciado delibera o direito de resposta daquele a quem se dirige. A resposta a esse posicionamento, observada no exemplo (16), é que em vez de falta de inteligência, a mulher possui capacidade intelectual e caráter superior ao homem. Tal postura se revela no momento em que o homem é caracterizado como ser que só poderá ser inteligente e possuir bom caráter, se este se tornar mulher. Aqui, a mulher não é mais o alvo do humor e sim o Outro (o homem).

Com essas análises, podemos comprovar que o surgimento de um discurso, além de estar condicionado a questões históricas, também se condiciona pelo diálogo entre outros discursos. Vejamos, a seguir, quais são os tipos de diálogos discursivos que podem caracterizar o surgimento de novos discursos.

### 3.4.1 Tipos de dialogismo: a polêmica como interdiscurso

A teoria bakhtiniana determina a existência de três tipos de dialogismos, quais sejam: o *dialogismo constitutivo*, o *dialogismo composicional* (discurso alheio marcado e discurso alheio não marcado), e o *dialogismo como forma de constituição do sujeito*.

O *dialogismo constitutivo* diz respeito ao pensamento de que todo enunciado se desenvolve a partir de outro. Nele é possível se perceber pelo menos a presença de duas vozes, mesmo que se apresentem de maneira implícita, mas estarão lá. “Um enunciado é sempre heterogêneo, pois ele revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói” (FIORIN, 2006, p. 24). Assim, é natural associar ao termo diálogo o significado de consenso ou acordo, que em Bakhtin assume outra dimensão, qual seja,

as relações dialógicas tanto podem ser contratuais ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de aceitação ou de recusa, de acordo ou de desacordo, de entendimento ou de desentendimento, de avença ou de desavença, de conciliação ou de luta, de concerto ou de desconcerto (FIORIN, 2006, p. 24).

Assim sendo, a teoria bakhtiniana afirma que o diálogo nem sempre será de consenso, mas também poderá ser de desacordo. É o que ocorre com os discursos machista e feminista, mostrados nos textos de humor durante o desenrolar deste capítulo. Um se constitui através do outro, desenvolvendo uma relação dialógica de recusa, pois a partir do momento em que o sentido extraído das piadas machistas define a identidade da mulher com o estereótipo de

ignorante, surge o sentido oriundo do enunciado de humor com teor feminista, afirmando que tal estereótipo pertence ao homem e não à mulher. Portanto, o diálogo contratual, ou não, entre enunciados, acontece na relação tensa entre as diversas vozes que o compõe, pois se o próprio meio social é dividido por diversas posições sociais, os enunciados irão caracterizar o ponto de luta entre essas posições. Portanto, o diálogo em Bakhtin será entre enunciados e não necessariamente apenas entre interlocutores.

Observamos também que a perspectiva bakhtiniana não leva em conta apenas as vozes sociais, mas as vozes individuais, pois, para o filósofo russo, todo acontecimento comunicativo real é constituído de dialogia. Logo, não são apenas as posições filosóficas, políticas, religiosas que mantêm relações dialógicas polêmicas, mas a fala cotidiana pode possuir essa mesma característica. Uma simples entonação de voz durante a reprodução de um discurso de uma pessoa pode revelar uma ironia, zombaria, reprovação etc., desvendando assim, a posição do sujeito diante dos fenômenos sociais. Porém, por mais individual que seja a voz, este individual é construído no social, já que todo enunciado possui um destinatário, este pode ser alguém imediato presente ou não. Também se dirige a um superdestinatário, do qual se espera uma atitude responsiva para que se concretize a situação discursiva. “Na medida em que toda réplica, mesmo de uma conversação cotidiana, dirige-se a um superdestinatário, os enunciados são sociais” (FIORIN, 2006, p. 27).

A respeito do superdestinatário, observamos como este se destaca nas piadas de loira, pois, como afirma Possenti (2010), o que se percebe é que este tipo de humor não se dirige necessariamente à loira (destinatário imediato), mas se volta para as mulheres em geral (superdestinatário). Através das piadas de loira se propaga o estereótipo de que todas as mulheres são ignorantes e disponíveis sexualmente. Então, entendemos que o discurso feminista surge nos textos de humor com o objetivo de desconstruir o que apregoa a posição machista acerca da mulher, ou seja, tal discurso age responsivamente por tratar-se do superdestinatário do discurso machista.

Assim, os discursos feminista e machista, presentes nas piadas machista e feminista, são disseminados por sujeitos falantes, que ao executar tais discursos revelam sua posição social em relação ao objeto alvo do humor, seja o homem ou a mulher. Portanto, o dialogismo garante a incompletude dos sujeitos, por isso, o conceito de *dialogismo constitutivo* parte do princípio de que toda enunciação é por natureza dialógica.

O segundo conceito de Bakhtin acerca do dialogismo, trata-se do tipo *composicional*, ou seja, são as vozes do outro que aparecem no enunciado de modo mais visível, feito de duas maneiras: a primeira corresponde ao *discurso objetivado* que recorre aos procedimentos de

*discurso direto e indireto, aspas e negação*, para marcar a voz do outro no enunciado; a segunda, aborda o *discurso bivocal*, em que nele se enquadram a *paródia, estilização, polêmica e discurso indireto livre*.

Falando sobre a *polêmica* como *discurso bivocal*, trata-se de um enunciado em que o discurso do Outro pode não aparecer abertamente, mas que as vozes distintas poderão ser percebidas, por isso, este procedimento é compreendido como *bivocal*. Desta maneira, existem dois tipos de *polêmicas*: a *clara*, em que duas vozes polemizam abertamente uma com a outra, cada qual defendendo seu posicionamento; a *velada*, em que a *polêmica* não está tão nítida, mas ainda assim, é possível notar a oposição entre duas vozes. Portanto, é possível caracterizar tanto a piada machista, quanto a feminista como portadoras de um *discurso bivocal*, em que os posicionamentos machista e feminista polemizam um com o outro, cada um defendendo seu ponto de vista. Assim, vejamos o exemplo (17).

#### Exemplo 17- O homem e os neurônios

*Descobriu-se recentemente que o homem tem 4 bilhões de neurônios a mais que a mulher. É porque o homem, na sua inferioridade, precisa de bilhões de neurônios para ver se um funciona. Igual aos espermatozóides.*

Disponível em [http://www.topgyn.com.br/piadas/piada.php?id\\_cat=14&id=83](http://www.topgyn.com.br/piadas/piada.php?id_cat=14&id=83). Acesso em 14/06/2014.

Neste exemplo (17), o diálogo entre discursos pode ser entendido como *polêmico*. A afirmação de que o homem teria 4 bilhões a mais de neurônios do que a mulher se baseia na ideologia machista de que o homem é inteligente e a mulher não. Porém, ainda neste exemplo (17), este discurso é modificado. A afirmação de que o sexo masculino só possui esta quantidade de neurônios para ver se pelo menos um funciona, acontece como resposta ao que o homem vem atribuindo à mulher através das piadas de loira. No exemplo (17) se apregoa que o homem é ignorante e não a mulher. Então, é fato a existência da *polêmica* neste tipo de piada, pois percebemos duas posições que dialogam opositivamente, cada uma defendendo seu ponto de vista, no entanto, não há uma marcação clara desta *polêmica*, levando o discurso a ser interpretado como *bivocal com polêmica velada*. Vejamos mais um exemplo (18), a seguir.

#### Exemplo 18- Tumulto na porta do céu

*Tumulto na porta do céu. De repente, São Pedro grita:  
- Bem, pessoal, vamos organizar essa bagunça! Quero que vocês formem duas filas:*

*os homens que sempre foram dominados por suas mulheres aqui e aqueles que nunca foram dominados por suas mulheres fiquem ali.*

*Alguns minutos depois, existia uma fila enorme no local dos dominados e somente um sujeito 'mirradinho' no lado dos que nunca foram dominados.*

*- Muito bem! - continuou São Pedro, enérgico. - Vocês deveriam ter vergonha!*

*Deus criou vocês à sua imagem e semelhança e vocês se deixaram dominar, ora!*

*Mas, felizmente, nem tudo está perdido! Temos pelo menos um aqui que honrou os desígnios do Senhor. - e virando-se para o sujeito. - Meu amigo, diga para os outros, o que você fez para merecer este lugar?*

*- Eu não sei, foi a minha mulher que me mandou ficar aqui!*

Disponível em <http://www.piadascurtas.com.br/os-dominados/>. Acesso em 16/06/2014.

Neste exemplo (18), é possível notar, mais uma vez, como a polêmica se instaura entre duas vozes. De um lado, vemos uma voz que caracteriza o discurso machista, ancorado no discurso bíblico de que Deus criou o homem para dominar. Do outro, percebe-se uma voz desfazendo este conceito, que em vez de dominador o homem será visto como dominado. Na fila dos dominadores, descrita no texto, não havia homens com tal característica, todos estavam na fila dos dominados. O único que compunha a fila dos dominadores foi descrito como *mirradinho* e obediente à mulher, pois na sua fala, fica claro que ele só permaneceu na fila daqueles que nunca foram dominados, por atender a ordem da mulher. Este sentido questiona o caráter dominador do homem que compõe o discurso machista, e atende as intenções da formação discursiva, que corresponde à posição feminista a respeito do Outro (o homem). “A polêmica aparece como uma espécie de homeopatia pervertida: ela introduz o Outro em seu recinto para melhor conjurar sua ameaça, mas esse Outro só entra anulado enquanto tal, simulacro” (MAINGUENEAU, 2005, p. 113). Com essa piada (18), observamos, mais uma vez, a ocorrência do *discurso bivocal com polêmica velada*, pois mesmo não estando explícitas, é possível perceber as duas vozes (feminista e machista) polemizando entre si. Vejamos o seguinte exemplo (19).

#### Exemplo 19 - Quem manda em você?

*Conversa entre tio e sobrinho:*

*- Tio, é verdade que você é solteiro?*

*- É. Eu não tenho mulher.*

- Então, quem é que manda em você?

Disponível em <http://piadasantigasenovas.blogspot.com.br/2008/06/piadas-de-feminismo.html>.  
Acesso em 16/06/2014.

No exemplo (19) percebe-se que o discurso feminista traz o Outro para seu território, mas com a intenção de anulá-lo, pois, mais uma vez, o homem é caracterizado como dominado pela mulher. Na expressão “não tenho mulher” é possível extrair o caráter de dominador, afirmado pelo discurso machista em relação ao homem, pois o verbo *ter* deixa transparecer um certo domínio que o homem poderia possuir em relação à mulher num relacionamento. Mas, logo em seguida, este discurso é anulado pela afirmação de que se o homem está solteiro não tem quem mande nele (a mulher), ou seja, a polêmica reside no fato de o discurso feminista buscar anular o Outro, e neste exemplo (19) o homem não será o dominante, e sim o dominado.

Assim sendo, o estereótipo de dominado dado ao homem nas piadas feministas, serve como resposta ao discurso machista, que considera a mulher como um objeto de posse e dominação. Então, na relação dialógica polêmica entre os discursos feminista e machista, a identidade do homem é abordada atendendo às necessidades do discurso feminista, que anula a característica de dominador do ser masculino, e em vez disso, este será dominado pela mulher.

Partindo dessas considerações, vejamos o terceiro e último modo de dialogismo que caracteriza-se pela *constituição do sujeito*. Aqui, o sujeito é visto agindo sobre os outros, “vai constituindo-se discursivamente, apreendendo as vozes sociais que constituem a realidade em que está imerso” (FIORIN, 2006, p. 55). Portanto, o sujeito é formado no social e este é heterogêneo, caracterizado pela presença de diversas vozes que estão o tempo todo em concordância ou discordância, por isso, o sujeito é constitutivamente dialógico.

Assim, diante dos fatores expostos neste capítulo foi possível observar que ao se levar em conta a construção da identidade do sujeito, é de suma importância considerar questões históricas, culturais e discursivas, pois como afirma Hall (2000), a identidade do sujeito só pode ser construída dentro do discurso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, teceremos algumas considerações acerca dos resultados obtidos a partir desta pesquisa. Os comentários que aqui se seguirão não possuem caráter finalizador ou estanque acerca do objeto estudado, trata-se de uma reflexão sobre o caminho percorrido.

Trazer a piada como escopo principal de nossa pesquisa nos possibilitou compreender o quão importante é tratar deste estudo à luz da Análise do Discurso. Segundo Possenti (1998, p. 25), as piadas podem ser interessantes para os estudiosos, pois elas são uma ótima fonte “para tentar reconhecer (ou) confirmar diversas manifestações culturais e ideológicas, valores arraigados”. Outra razão importante, assinalada pelo linguista, para o estudo de piadas, é o fato de elas operarem com estereótipos e fornecerem um bom material para se pesquisar sobre representações. O pesquisador ainda esclarece que o estudo de textos humorísticos é relevante, pois eles são quase sempre “veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial, que não se manifestaria, talvez, através de outras formas” (POSSENTI, 1998, p. 26). De modo geral, nas piadas, aquilo que é inaceitável e proibido dizer em certas circunstâncias encontra espaço para ser enunciado direta ou indiretamente, de forma subentendida ou implícita.

Diante disso, ao abordar a (des)construção da identidade do homem e da mulher no discurso humorístico, esta pesquisa se direciona para o questionamento acerca do funcionamento do *estereótipo* e do *simulacro*, fatores que auxiliam na construção da identidade desses sujeitos no gênero discursivo piada. Através da análise do *corpus*, pudemos constatar que a identidade da mulher é construída nas piadas de loira, principalmente, pelos estereótipos de *burra* e *mulher fácil*, na perspectiva sexual.

Os estereótipos dados à identidade da mulher pelo discurso machista funcionam como um *simulacro*, ou seja, uma identidade oposta e negativa da característica de *inteligência* e *independência* da mulher, que vem conquistando espaço profissional, exercendo novos papéis sociais.

Podemos observar que, por muito tempo, a mulher foi tratada como inferior em relação ao homem, e por conta disso, acabou sendo excluída de muitas práticas sociais importantes, tendo sua atuação restrita ao ambiente doméstico e familiar. Então, atacar a mulher através do discurso humorístico, materializado nas piadas de loira, pode se caracterizar como uma maneira que o homem encontrou para reafirmar esse discurso de inferioridade feminina, principalmente ao que concerne a sua inteligência.

Mas, existe outra posição que se opõe a esta visão sobre a mulher, àquela que encontramos nas piadas feministas. Ao contrário do efeito negativo que as conquistas sociais femininas podem causar em alguns homens, na piada feminista, estas conquistas acabam funcionando como suporte para desfazer a imagem preconceituosa que o machismo vem (des)construindo a respeito da mulher no âmbito social, ajudando na (des)construção da identidade do homem. Neste contexto, em vez de inteligente, o homem será tratado como tolo, dominado pela mulher, com pouca inteligência e impotente sexualmente. Trata-se de um discurso que funciona como resposta ao que vem sendo propagado pelo discurso machista sobre a mulher, que a trata de modo mais hostil e agressivo possível. Por isso, as piadas feministas trabalham com a (des)construção da identidade acerca da *virilidade* e da *dominação* masculina, características que se difundiram na sociedade através da ideologia machista.

Partindo da afirmação de Hall (2005), é no processo de interação que a identidade do sujeito pós-moderno é construída, visto como um sujeito sociológico. O estudioso afirma que é na relação com o Outro que os indivíduos se constituem, formando identidades que não são estanques, são variáveis de acordo com o contexto em que se encerem. Deste modo, o homem (des)constrói a identidade da mulher, negativamente, nas piadas machistas, e esta, por sua vez, (des)constrói a identidade do Outro (o homem) nas piadas feministas, numa atitude responsiva. Este fator também se justifica pela relação de poder que forma o binarismo homem/mulher. Segundo Silva (2000), esta relação não é harmoniosa, pois uma identidade tenta se afirmar em relação a outra, numa constante disputa.

Sendo assim, nas piadas sexistas, as identidades dos sujeitos homem e mulher são construídas através do *dialogismo discursivo*, marcado pela polêmica velada entre os discursos machista e feminista, em que a identidade da mulher e a do homem será (des)construída, ambas através de estereótipos, num diálogo marcado pela polêmica discursiva, em que um recusa a identidade do outro, e assim vão se constituindo.

Outro aspecto importante é que a maioria das piadas apresentadas nas análises possuem um sentido agressivo, com uma linguagem pornográfica, fato já destacado por Freud (1977), quando afirma que este gênero, em sua maioria, possui uma finalidade tendenciosa que pode ser de ordem pornográfica ou hostil, e que percebemos principalmente nas piadas de loira, em que a vítima do discurso (a mulher) é tratada com bastante hostilidade e desrespeito. Por isso, os dados qualitativos nos possibilitou perceber que há uma recorrência temática em cada tipo de piada. Nas piadas machistas a recorrência maior encontra-se no fato da identidade da mulher ser construída como desprovida de inteligência e lasciva, já nas piadas



feministas os traços dominantes em relação ao objeto alvo da piada (o homem) é que sua identidade será construída como dominado e impotente sexualmente. Assim, priorizamos a abordagem qualitativa dos dados.

A partir das reflexões suscitadas no nosso estudo, esperamos mostrar que o gênero discursivo piada possui funções que vão além do que fazer rir, revela também questões polêmicas da sociedade e discursos arraigados sociohistoricamente, além de ser um veículo de estereótipos e preconceito. Apesar do seu tom de brincadeira, seus efeitos não poderão ser benevolentes, pois o riso funciona como um trote social, um castigo humilhante para a vítima do humor (BERGSON, 1993). Portanto, esperamos que nossa pesquisa contribua para o reconhecimento e valorização do gênero discursivo piada no meio acadêmico, fomentando futuras pesquisas com esse gênero nas várias possibilidades teóricas da Análise do Discurso (Análise do Discurso Francesa, Análise Dialógica do Discurso, Análise Crítica do Discurso).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail/ VOLOCHÍNOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In.: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, Diana. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, Diana; FIORIN, Luís (Orgs.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin*. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 01-09.

BERGSON, Henri. *O riso – ensaio sobre o significado do cômico*. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

FIORIN, Luís. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

\_\_\_\_\_. Interdiscursividade e Intertextualidade. In: BRAIT, Beth. (Orgs.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 161-193.

FLORES, Valdir; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução a Linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade?. In: \_\_\_\_\_. SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs); WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: as perspectivas dos Estudos Culturais*. Petrópolis (RJ): Vozes 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

\_\_\_\_\_. *Gênese dos Discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MUNIZ, Kassandra. *PIADAS: Conceituação, Constituição e Práticas – um estudo de um gênero*. 2004. Dissertação (mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2004.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análise linguística de piadas*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. Uma representação humorística do feminino. In.: *Estudos Lingüísticos XXXV*, v. 35, Campinas (SP), 2006, p. 1844-1851.

\_\_\_\_\_. Estereótipos e identidade: o caso das piadas. In: \_\_\_\_\_. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

RAGO, Margareth. *Os feminismos no Brasil: dos “anos de chumbo” à era global*. Labrys, Estudos feministas, número 3, janeiro/julho 2003. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys3/web/bras/marga1.htm>. Acesso em: 21/03/2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_ (Orgs), HALL, Stuart e WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: as perspectivas dos Estudos Culturais*. Petrópolis (RJ): Vozes 2000.

WARNER, Marina. *A Linguagem dos cabelos: pele de asno III*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.